



**SERVIBLICO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE PEDAGOGIA**

SIMONE RODRIGUES DA SILVA

**IMAGENS DA MEMÓRIA:
MUDANÇAS NA PAISAGEM URBANA DE TOCANTINÓPOLIS**

**TOCANTINÓPOLIS-TO
2018**

SIMONE RODRIGUES DA SILVA

IMAGENS DA MEMÓRIA:
MUDANÇAS NA PAISAGEM URBANA DE TOCANTINÓPOLIS

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia, creditado pela Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis, sob a orientação da Professora Doutora Francisca Rodrigues Lopes.

Tocantinópolis, TO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586i SILVA, SIMONE RODRIGUES DA SILVA.
IMAGENS DA MEMÓRIA: MUDANÇAS NA PAISAGEM URBANA DE
TOCANTINÓPOLIS. / SIMONE RODRIGUES DA SILVA SILVA. –
Tocantinópolis, TO, 2018.

60 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Pedagogia, 2018.

Orientadora : FRANCISCA RODRIGUES LOPES LOPES

1. Desenvolvimento urbano. 2. História. 3. Memória. 4. Paisagem. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

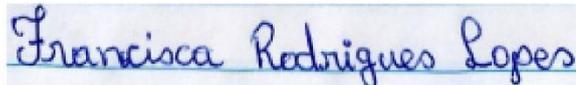
SIMONE RODRIGUES DA SILVA

IMAGENS DA MEMÓRIA:
MUDANÇAS NA PAISAGEM URBANA DE TOCANTINÓPOLIS

Monografia avaliada e apresentada à UFT -
Universidade Federal do Tocantins, Campus
de Tocantinópolis, Curso de Pedagogia para a
obtenção do título Pedagoga, e aprovada em
sua forma atual pela orientadora e pela banca.

Data de Aprovação _06/_03/_2018

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Francisca Rodrigues Lopes. Orientadora. UFT

Prof. Ms. Bruno dos Santos Hammes. Examinador. UFT

Giano Carlos dos Santos Guimarães. Examinador. UFT

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros. Ainda que se trate de eventos em que somente estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós.

(Halbwachs, 2006, p. 30)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Ivaldina e João Pedro, meu esposo Alex, minha amada filha Rebeka, aos meus irmãos Simoneis, Izaqueu, Lucas por estarem sempre ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida.

Agradeço a minha amada mãe Ivaldina e meu querido pai João Pedro, pois sem eles não poderia estar aqui, pela criação que me deram e os valores que me ensinaram.

Ao meu amado esposo Alex pelo incentivo e compreensão durante essa longa jornada em busca de concretização desse sonho.

A minha filha Rebeka, amor da vida da mamãe, que mesmo sem saber foi o maior motivo de minha persistência para concretizar esse sonho mesmo em meio de tantas dificuldades.

Agradeço a minha Professora Orientadora Profa. Dra. Francisca Rodrigues Lopes por ter acreditado em mim por ter aceitado ser minha orientadora.

Aos funcionários da biblioteca da universidade todos foram atenciosos comigo prontos para ajudar.

Enfim, agradeço a todos aqueles que direta e indiretamente contribuíram para que eu pudesse realizar esse sonho.

Obrigada!!

RESUMO

Os acontecimentos de um lugar, de um povo ou de uma cidade só se transformarão em história se permanecerem vivos na lembrança daqueles que participaram deles. Dessas lembranças ficam imagens que podem ser traduzidas e transformadas em histórias e documentos. Este trabalho foi construído com o intuito de manter viva um pouco da história de Tocantinópolis através da materialização das lembranças de alguns cenários e acontecimentos que foram modificando a paisagem desta cidade a partir de seu desenvolvimento urbano. Ao dados aqui trazidos foram recolhidos através de conversas informais com antigos moradores e para entender mais sobre a história da cidade buscou-se apoio nos escritos de alguns autores que escreveram e escrevem sobre Tocantinópolis, como: CORREIA (1977), SOUSA (2008), PEREIRA (2012) PEREIRA (2007), dentre outros. Pesquisar e escrever sobre a história desta cidade bicentenária foi mais que um exercício, trouxe a inquietação de que é preciso dar voz as imagens da lembranças de antigo moradores, a fim de reconstruir o pouco do patrimônio cultural que ainda há, para que as novas gerações conheçam e valorizem.

Palavras-chave: Desenvolvimento urbano. História. Memória. Paisagem.

ABSTRACT

The events of a place, a people or a city will only become history if they remain alive in the memory of those who participated in them. From these memories are images that can be translated and transformed into stories and documents. This work was built with the intention of keeping alive a little of the history of Tocantinópolis through the materialization of the memories of some scenarios and events that were modifying the landscape of this city from its urban development. The data collected here were collected through informal conversations with former residents and to understand more about the history of the city, support was sought in the writings of some authors who wrote and wrote about Tocantinópolis, such as: CORREIA (1977), SOUSA (2008), PEREIRA (2012), PEREIRA (2007), among others. Searching and writing about the history of this bicentennial city was more than an exercise, brought the uneasiness that it is necessary to give voice to the images of the memories of former residents in order to rebuild the little of the cultural patrimony that still exists, so that the new generations know and value.

Key Word: Urban Development. History. Memory. Landscape

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Salão de cabelereiro prédio onde funcionava o cine alvorada.....	38
Figura 2 - Sede dos Narcóticos Anônimos - Antigo cine Dom Bosco.....	38
Figura 3 - Cine Fids	39
Figura 4 - Prédio onde funcionava o cine fides.	39
Figura 5 - Carta de convocação de reunião para os sócios e o contrato de sócios	43
Figura 6 - Casamento dentro do Club Recreativo	43
Figura 7 - Terreno do antigo clube em ruínas.....	43
Figura 8 - Prédio onde funcionava a Boate Multicor	45
Figura 9 - Convite da festa do festejo da padroeira	45
Figura 10- Prédios onde funcionava a boate Skylab.....	47
Figura 11- Enchente do Rio Tocantins	48
Figura 12- Rio Tocantins - Praia da Santa.....	50
Figura 13- Mercado Municipal de Tocantinópolis	51
Figura 14- Centro de Inclusão Digital	51
Figuras 15 e 16 - Feira livre.....	52
Figura 17- Hotel da Katia	54
Figura 18- Fundação da Tobasa.....	55
Figura 19- Inauguração da Tobasa	55
Figura 20- Entrada da Tobasa atual.	56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. TOCANTINÓPOLIS: HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO URBANO.....	15
2.1 As origens de Tocantinópolis.....	15
2.2 O desenvolvimento urbano de Tocantinópolis.....	19
2.3 Tocantinópolis, entre o cultural e a modernidade	23
3. A HISTÓRIA ATRAVÉS DAS IMAGENS E DA MEMÓRIA	26
3.1 História e memória oral na forma de lembranças.	26
3.2 Imagens da Memória e do imaginário.	30
4. A HISTÓRIA ORAL E AS IMAGENS QUE FICARAM NA MEMÓRIA	35
4.1 – Cultura e Lazer.....	36
4.1.1 – Cinema.....	36
4.1.2 – Clube Recreativo de Tocantinópolis.....	40
4.1.3 – Boates	43
4.2 – Comércio e Indústria.....	47
4.2.1 – O Rio Tocantins.....	47
4.2.2 – O Mercado Municipal (Mercadão).....	50
4.2.3 – Feira Municipal	51
4.2.4 – Hotel da Kátia.....	52
4.2.5 – Tobasa Bioindustrial.....	54
5. CONCLUSÃO	57
6. REFERÊNCIAS.....	59

1. INTRODUÇÃO

O lugar onde está edificada a cidade de Tocantinópolis, à margem esquerda do Rio Tocantins no extremo norte de Goiás, neste ano de 2018, completará 200 anos. Segundo Correia (1977, p. 19), os primeiros habitantes chegaram aqui por volta de 1818 e, devido a bela vista do local, deram o nome de Boa Vista do Tocantins. Porém, ao longo dos anos muitas coisas aconteceram, muitas intervenções na manifestações culturais, educacionais, sociais e políticas que foram modificando a paisagem tanto rural como os cenários urbanos.

É uma longa história. Tais interferências fizeram com que, segundo Correia (1977, p. 21), em 1943, o distrito de Boa Vista recebesse a denominação de Tocantinópolis e em 1858, através de uma Lei Provincial de 28 de julho, o distrito de Boa Vista do Tocantins foi elevado à categoria de cidade. Portanto é em 28 de julho que se comemora o aniversário da cidade, que este ano fará 160 anos emancipação política.

As modificações em sua paisagem foram muitas. Muitos pontos que eram importantes deixaram de existir alguns como os cinemas que aqui já tiveram: Cine Alvorada, Cine Dom Bosco e Cine Fides; Como as boates: Boate Multicor, Skaylabe e o famoso Clube Recreativo, eram lugares onde a maioria das pessoas se divertiam e comemoravam as festas regionais. Havia também a parte do comércio e, nesse aspecto, vale lembrar do Mercado Municipal, que hoje em seu espaço funciona um Centro de inclusão Digital. O Mercado era o ponto de referência comercial, depois foi criada a feira livre que este ano foi reformada e ampliada.

Também não menos importante o Hotel da Katia que ainda continua com sua segunda proprietária que fez algumas modificações, mas continua no mesmo local. Em 1968 a Tobasa Bio Industrial responsável pelo crescimento financeiro dando emprego para os moradores locais e cidades vizinhas. O Grupo Escolar Nero Macedo, fundado no ano de 1937, é uma referência histórica quanto se trata de educação, assim como o Centro de Formação de Professores Primários, fundado em 1970, que deu lugar a universidade que atende toda a região tocantina, principalmente.

Toda cidade tem sua história e seu desenvolvimento e com Tocantinópolis não é diferente. Ao ouvir a história da cidade tão antiga nos aguçou a curiosidade de saber mais. Mas foi através da leitura do livro “Boa Vista a Tocantinópolis” de Clenan Renaut e do livro “Tocantinópolis 150 ano de urbanização” de Carlos Antônio foi que realmente surgiu o interesse por essa história e as perguntas: Como se deu o processo de urbanização e suas mudanças a partir de alguns cenários? O que ficou na memória das pessoas como as imagens mais vivas?

E para responder essas indagações este trabalho objetivou conhecer a história de alguns cenários, seu desenvolvimento e suas contribuições para o desenvolvimento da cidade para que possa-se tornar viva a sua memória, e possa contribuir para o conhecimento das futuras gerações. A hipótese é que mesmo com alguns livros escritos, algumas monografias sobre Tocantinópolis dão muito pouco espaço para a história de lugares que foram de suma importância para seu desenvolvimento cultural, político e econômico, para exaltar alguns personagens, deixando de escrever sobre lugares que tiveram importância significativa para seus antigos moradores, e seria importante para a vida dos estudantes de hoje, para os professores que trabalham história.

Para realização deste trabalho buscou-se referências em diversos autores tais como Bosi (1994), Halbwachs (2006), Le Goff (2003), Paiva (2006) dentre outros. Buscou-se principalmente obras de autores da cidade ou da região ou que escrevem sobre a cidade, como: “Meu Pé de Tarumã Florido, Um Retrato de Porto Franco”(1997), “Boa Vista do Padre João”(1977), “De Boa Vista a Tocantinópolis”(2012), “Tocantinópolis: 150 anos de Urbanização”(2008), “Repensando o Turismo em Tocantinópolis: Críticas e Possíveis Viabilidades”(2007), “Bonifácio na História de Tocantinópolis” (2003), também em *sites* e com as próprias pessoas, através de entrevista de cunho informal.

Portanto, sobre o olhar dos autores mencionados procuramos responder e conceituar as indagações que foram formuladas para melhor realização da pesquisa para os anseios sobre a história do desenvolvimento urbano da cidade. A história do lugar foi contada por meio de moradores apesar que a maioria dos autores dos livros usados são filhos da cidade outros foram moradores, observando os livros são poucos os relatos sobre o desenvolvimento da cidade. Não se encontra quase nada sobre as boates, clubes, cinemas, hotéis, o mercado municipal, feira livre, o primeiro grupo escolar, a primeira indústria, esses lugares foram importantes para a história de Tocantinópolis e seu desenvolvimento tanto cultural como econômico, através desses a cidade se tornou referência local e para as cidades vizinhas.

O presente trabalho está estruturado na seguinte sequência: 1) Introdução, 2) História do Desenvolvimento Urbano de Tocantinópolis. Nesta seção fala-se do desenvolvimento urbano de Tocantinópolis, de sua fundação, o crescimento dos bairros e a decadência que deixou a cidade num dilema de estar entre o cultural e a modernidade. 3) A História através da Memória. Esta parte trata de como as imagens que uma pessoa guarda em sua memória preserva as histórias de sua vida, de um tempo e de lugares. 4) A mudança na paisagem urbana a partir dos lugares que ficaram na memória. Aqui são apresentados alguns lugares e as mudanças sofridas com o passar do tempo. As mudanças foram registradas a partir da fala dos entrevistados e de imagens (fotografias) dos lugares.

Por fim, pode-se concluir que outrora Tocantinópolis era uma cidade pacata, mais tinha acesso alguns tipos de meios culturais, que é de suma importância para a vida do indivíduo. Hoje a nova geração não tem acesso e não conhece a história da cidade local. Desse modo fica aí o desejo de conhecer mais sobre a história do desenvolvimento urbano e as mudanças que aconteceram a partir de lugares, e também de despertar nos leitores a vontade de conhecer a história de Tocantinópolis um pouco mais. Espera-se que, através desse trabalho, se possa contribuir para manter viva a história da cidade e de seu desenvolvimento urbano, assim como a importância da história através da memória, e que as novas gerações tenham conhecimento do que houve nesta cidade e que os mais velhos possam se sentir importantes por terem sua história contada.

2. TOCANTINÓPOLIS: HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO URBANO

Tocantinópolis, às margens do Rio Tocantins, adornada por uma vegetação natural e um lindo cerrado, é agraciada com belos pontos turísticos como lindos ribeirões, lindas praias, que ficam na divisa do Estado do Tocantins com o Estado do Maranhão (SOUSA, 2007). Esta bela e rica paisagem sempre foi assim, desde que era Boa Vista, cuja origem é do início século XIX, quando aqui chegaram os primeiros moradores advindos de terras do Maranhão ou do Pará. Geralmente eram bandeirantes desertores ou fugitivos que buscavam um lugar onde pudessem viver no anonimato, plantando e colhendo para o sustento de suas famílias.

Como qualquer cidade antiga, Tocantinópolis tem sua história marcada por diversos episódios sociais e políticos que vão, aos poucos, definindo seu espaço territorial, delineando a sua paisagem, firmando a sua cultura e seus contextos educativos. Em 200 anos é natural que muitas mudanças tenham ocorrido. E a história desta cidade está permeado por muitas delas. Este capítulo trará alguns elementos da história política do município e depois uma contextualização sobre o processo de urbanização da cidade pelo olhar de alguns autores.

2.1. As origens de Tocantinópolis:

A professora historiadora Aldenora Alves Correia foi a pioneira na escrita da história de Tocantinópolis. Sua obra “Boa Vista do Padre João” (1977) tem sido referência para outros estudos históricos, acadêmico e poéticos que se seguiram. De acordo com esta autora (1977, p. 19), os primeiros habitantes que formaram o município de Tocantinópolis, chegaram por aqui por volta de 1818. Eram eles os lavradores Antônio Faustino e Venâncio que se desligaram do grupo de bandeirantes que faziam parte e se instalaram com suas famílias em uma lugar de bela paisagem e terra fértil e paisagem e encantados com a beleza do lugar o chamaram de Boa Vista. Haviam encontrando o lugar certo para a criação de gado e para a agricultura e ali permaneceram por alguns anos.

O local onde Faustino e Venâncio ergueram suas casas simples de palhas surgiu à primeira Rua que era chamada de Rua Rola Pilão, hoje é chamada de Rua Alves de Castro. Os dois escolheram o lugar por ter uma vista linda e por sua vegetação, também por se tratar de um clima tropical, delineadas por mata fechada possuindo um porte frutífero onde tinham

muito buriti e babaçu fruto que impulsionou a economia da cidade e região. E também possuía uma rica flora, havia a fauna com diversas espécies de animais: tatu, veado, peba, anta e etc.

Pereira (1997) diz que o nome de Boa Vista, dado ao lugar pelos primeiros habitantes, foi mais que merecido qual tamanha sua beleza natural:

Debruçada nas águas do majestoso Tocantins, nascida das velhas heranças dos bandeirantes e dos desbravadores sertanejos, plantada em lugar estrategicamente escolhido, nas barrancas avermelhadas, altas e verdejantes dos babaçuais, teve, realmente, com justiça, a forte justificativa de seu nome – Boa Vista. E ninguém contesta ser a cidade mais bem apresentada das margens do rio grande. Ao cair da noite, com suas luzes cintilando, é um presépio a se espelhar nas águas tranquilas que passam por ali levando saudades e encantamento. (PEREIRA, 1997, p. 83).

Em 1825, chegou à região Pedro José Cipriano conhecido como Pedro cinzas, fugitivo devoto da Santíssima Trindade fez movimentar a capela que já existia e a rua do Rola Pilão que também já existia. Pedro Cinzas foi o primeiro comerciante na cidade e, através de seu comércio fez com que a notícia se espalhasse pela região que Boa Vista era uma terra boa e fértil para se morar, e com isso começou chegar moradores de várias regiões para Boa Vista. Um desses moradores foi Dona Apolônia, uma viúva que muito contribuiu para o desenvolvimento socioeconômico e também cultural de Boa Vista. Através da propaganda de Pedro Cinzas a fama de que a terra era frutífera e tranquila o número de moradores foi aumentando e a cidade foi crescendo aos poucos.

Em 1834, conforme Pereira (2012) Boa Vista foi alçada ao *status* de Vila, depois transformada em Arraial. Agora já haviam muitos moradores, algumas ruas, um cais de porto movimentado e também uma escola, a qual foi fundada por um genro de Dona Apolônia em 1928. Esta escola foi a base fundamental do Grupo Escolar Nero Macedo, Hoje Escola Estadual de Tempo Integral XV de Novembro, fundado em 1927.

Em 1840, segundo, segundo Correia (1977, p. 20) chega em Boa Vista, Frei Francisco do Monte de São Vitor, missionário italiano, que veio, a mando de D. Pedro II, com o intuito de amansar os índios Apinajés e convertê-los ao catolicismo. Este Missionário “exerceu uma influência ilimitada na população católica, exercendo quase um fanatismo. (...) promoveu o melhoramento da capelinha Santíssima Trindade, erigida no alto da ladeira, onde vinha exercer suas atividades religiosas” para brancos e índios.

Em 31 de julho de 1852, pela resolução provincial nº 14, galgou a hierarquia de Distrito, e em 28 de julho de 1858, o distrito de Boa Vista do Tocantins se elevou a categoria

de cidade, quando houve o reconhecimento de Pedro Cinzas como seu fundador. Dessa forma, pode-se dizer que o município de Tocantinópolis comemorará, este ano, em 28 de julho, seus 160 anos, porém não se pode deixar de enaltecer a história bicentenária deste lugar.

Quanto à denominação deste lugar, de Boa Vista, dado por Antônio Faustino e Venâncio, quando aqui chegaram em 1818, até firmar-se como Tocantinópolis, em 1943, muitas mudanças ocorreram, na medida em que também mudava o seu *status*. Segundo Pereira (2012)

Boa Vista foi alçada ao *status* de vila em 1834, depois transformada em Arraial. Em 31 de julho de 1852, pela resolução provincial nº14, galgou a hierarquia de Distrito, passando a chamar-se **Boa Vista do Tocantins**. [...] em 28 de julho de 1858, o distrito de Boa Vista do Tocantins se elevou a categoria de cidade, quando houve o reconhecimento de Pedro Cinzas como seu fundador. [...] em 31 de outubro de 1938, Boa Vista do Tocantins voltou a adotar simplesmente o topônimo de **Boa Vista** como fora batizado em 1818. Pelo decreto-lei estadual nº 8305, de 31 de Dezembro de 1943, houve a mudança da toponímia Boa Vista para **Tocantinópolis**. (PEREIRA, 2012, p. 30). (**Grifo nosso**).

Sobre a autoria do nome de Boa Vista, Sousa (2008) considera que há algumas distorções sobre a informação de quem foi o verdadeiro autor. Em uma versão da história do surgimento do nome Boa Vista foi com a vinda de Pedro Cinzas que chegou com sua família e colocou o nome da cidade. Em outra versão o nome surgiu com a chegada dos primeiros habitantes Faustino e Venâncio, já outra fala que foi com a vinda de Dona Apolônia, que se instalaram com sua família as margens do rio formando uma vila, que formou o primeiro núcleo urbano de Tocantinópolis. Como o autor fala isso “não compete a nós” dizer quem estar certo ou errado (SOUSA, 2008, p.13 e 14). E sim falarmos como surgiu e quando.

O nome Tocantinópolis é uma inspiração do ex-prefeito Antônio Gomes Pereira que, ao navegar no rio Tocantins vindo de Porto Franco e a admirar as belas águas, em uma tarde de domingo. Ao refletir “nas cristalinas águas, envolvendo os barrancos da cidade de um colorido quase místico, a chamou de Tocantinópolis, ou seja, cidade do Tocantins. Nascia ai o topônimo que substituiria a lendária Boa Vista”. “Em 31 de Dezembro de 1943 através do Decreto estadual de nº 8305”, então oficialmente a cidade deixa de ser chamada de “Boa Vista e passa a ser Tocantinópolis”. (PEREIRA, 2012, p. 23 e 30). Nome que permanece até hoje.

Para Sousa (2008) o desenvolvimento de Boa Vista, iniciou-se com a chegada de imigrantes do Estado vizinho o Maranhão, que se tornarão maioria no município, que vieram em buscar de uma vida melhor. Após quatorze anos depois da emancipação política no ano 1858, Boa Vista torna-se o sexto município do Estado do Goiás com maior número de

habitantes estimado em 7.872 habitantes. Mas “o sítio urbano” no qual a cidade foi erguida for considerada “apenas a zona urbana, não chegava aos 800 habitantes”.

Boa Vista, já foi bem maior em área e em número de habitantes do que é Tocantinópolis atualmente, o motivo é que muitas cidades do bico do papagaio que pertenciam a Boa Vista foram emancipadas. Os anos foram passando e a cidade que era a mais populosa viu seus municípios sendo desmembrados e assim fazendo com que o número de habitante diminuísse. Na verdade Tocantinópolis teve o seu município retalhado, reduzido praticamente aos bairros periféricos e às terras dos índios, em decorrência da divisão territorial que lhe impusera.

Sabe-se que já pertenceram ex-Boa Vista: Ananás Angico (centro de Angico), Araguaína (Lontra), Araguatins (São Vicente), Babaçulândia (coco), Brejinho, Buriti, Carrasco Bonito, Filadélfia, Itaguatins (Santo Antônio), Lagoa de São Bento (Lagoa), Nazaré, Piaçaba, Santa Terezinha (Traíra), São Sebastião do Tocantins, Sítio Novo, Axixá do Tocantins e Xambioá (Chiqueirão). (PEREIRA, 2012, p. 38).

No ano de 1950 mais uma vez a cidade foi se estagnando na área econômica com a construção da rodovia Belém Brasília sofreu com diminuição de habitantes que deixaram a cidade em busca de melhoria, muitas famílias deixaram a cidade em busca de emprego na rodovia e acabaram fixando moradia nas cidades que foram surgindo ao longo da BR-153. A Belém Brasília foi se desenvolvendo e cada dia o número de habitantes foi diminuindo, e a economia foi se estagnando os barcos-motores, que eram os meios de transportes mais importante, foram tirados de circulação.

No final da década de 60, chega a Tocantinópolis a empresa industrial Tobasa que se tornou muito importante para economia da cidade, empresa voltada ao “beneficiamento total do babaçu” com a chegada da Tobasa veio uma esperança para o meio econômico para população, surgiram vários empregos diminuindo o número de desempregado e com isso amenizou “o estrago provocado pela rodovia Belém-Brasília na economia local” sua chegada em Tocantinópolis trouxe progresso novamente para cidade foi tão positivo que “no final da década de 1970 a cidade já dispunha de quatro agência bancarias e dois cinemas” Tobasa ainda hoje desenvolve sua função gerando emprego para muitos tocantinopolino (SOUSA, 2008, p. 22).

Com a criação do então sonhado Tocantins, no ano de 1989, segundo Pereira (2012) as algumas cidades que antes que faziam parte do Estado do Goiás foram se desligando. Com isso houve uma grande aumento no número de municípios no novo estado. E Tocantinópolis

já chegou a aproximadamente 30.000 de habitantes antes do desmembramento viu seu município reduzir mais ainda e com isso a sua população

[...] De 79 municípios, o Estado passou a contar com 139. O Bico do Papagaio de 16 pulou para 37. Desta feita, só no município de Tocantinópolis, foram 6 povoados ou distritos: Aguiarnópolis (Estreito), Cachoeirinha, Darcinópolis (Regalo/Ribeira), Luzinópolis (Broco), Marilândia e Palmeiras (Mosquito). (PEREIRA, 2012, p. 38).

A economia da cidade era através da agricultura e da pecuária era o meio de subsistência para as famílias de Boa Vista, com o aumento da população, segundo Pereira (2012) “tornou-se exportadora de peles de animais silvestre”. E a partir de 1931, surgiu o cultivo de algodão, que em 1934, chegaram a colher vinte e sete toneladas, chegou à dobra a safra em 1935 que foi para cinquenta toneladas, isso se tornava muito bom para renda das famílias que dependiam da renda da colheita do algodão. Após várias décadas em Boa Vista do Tocantins os pequenos agricultores descobriram um meio de obter uma renda e imediata com a colheita e a venda do coco babaçu, e com sua renda que era imediata poderia sustentar suas famílias. A partir de então com o extrativismo vegetal do coco babaçu, a cidade descobriu sua real vocação, e com sua comercialização que foi um fator primordial para o crescimento da economia da cidade.

[...] Mais uma vez Paternostro, com categoria, revela que no extremo norte de Goiás o palmeiral ocupa uma superfície de 480 km² e, segundo relatos de trabalhadores nas matas, a produção de coco atingiriam duzentas mil toneladas anuais. Boa Vista pertence a “zona dos cocais” que se dirige para o leste e se liga aos 8.655,400 hectares de babaçuais do maranhão onde existem treze bilhões de pés. (PEREIRA, 2012, p. 36).

Com esse meio de renda, os homens também quebravam coco para levar alimentos para suas casas, e com o tempo as mulheres deixam de serem donas de casa apenas e passam até uma profissão como quebradeiras de cocos segundo Pereira (2012), os exportadores pagavam trezentos réis por quilos de amêndoas aos quebradores de cocos que aproximadamente equivalia cinquenta cocos quebrados, e a cada dia a produção em Boa Vista só aumentava, e a cidade foi cada dia crescendo financeiramente, pois o babaçu era como ouro brotado no solo fértil, de Boa Vista.

2. 2. O Desenvolvimento Urbano de Tocantinópolis.

Com a grande valorização do babaçu Tocantinópolis foi uma cidade pioneira em produção de babaçu e esse destaque, segundo Pereira (2012) “Boa Vista colocou o Norte do Goiás no centro das decisões políticas do Estado” chegando ao ponto de influenciar nas

escolhas políticas para Governador, Deputados e Senadores. Se em 1975 a população era de 30.000 habitantes, o censo do IBGE de 2010 indicou uma população total é de 23.141 habitantes.

Para Pereira 2012, a diminuição da população se dá por muitos fatores, tais com a falta de estudos, falta de estabilidade financeiras etc. Muitos saíram e depois de terem alcançado o mérito voltaram para sua terra natal e outros decidiram não voltar, isso tudo aconteceu pelo “abandono e descaso pelas autoridades governamentais”. Apesar disso não regrediu a população urbana de Tocantinópolis, ao contrário, houve um aumento no “núcleo urbano”. Pereira considera que o desmembramento seja “o verdadeiro motivo preponderante desse *déficit* populacional” (PEREIRA, 2012, p. 36/37).

Tocantinópolis aos pouco foi se tornando uma cidade urbanizada, mesmo passando por momentos positivo e negativo na área econômica, houve mudanças fundamentais na economia com a chegada da Tobasa indústria que o aumento da população urbana que até então era pequena a área urbana, o centro da cidade tinha um número bem reduzido.

O aumento populacional veio junto com o progresso local, em 1970 chegou para cidade quatro agências bancárias e dois cinemas, já havia o Mercado Municipal (Mercadão), que era o responsável pelo movimento da cidade. Apesar desse desenvolvimento, o número da população urbana era muito pequeno, mas com estes cenários começou a circular pessoas das cidades vizinhas para fazer negócios nos bancos, ou ir ao cinema, comprar ou vender no Mercado. Tudo isso contribuiu para o aumento da população urbana, segundo Sousa (2012) o aumento da área urbana só ocorreu quando houve um deslocamento da área rural para urbana.

A área urbana, até o início da década de 1980 se resumia apenas na beira do rio, setor Cachoeirinha e a Praça Darcy Marinho. Apenas a parte de baixo da Avenida Nossa Senhora de Fátima se desenvolveu com a chegada da Tobasa¹, próximo à Escola Cristo Rei² e a criação do Centro de Formação de Professores Primários³, contribuíram para que essa parte fosse urbanizada, e assim deixando o aspecto rural. Do outro lado da avenida, ficava o aeroporto da cidade, cuja pista foi transformada na avenida XV de Novembro. Depois foi construído, à altura do Centro de Formação, o Estágio Lauro Assunção, inaugurado em 1979.

¹ Fundada em 1968.

² Fundada em 1961.

³ Construído na década de 1960. Inaugurado em 1971.

Do final da década de 1980 em diante o desenvolvimento urbano foi aumentando, e a área rural foi diminuindo, de modo que hoje a área urbana é bem maior que a rural. A partir desse desenvolvimento mais acelerado muitos setores como Rodagem, Vilanópolis, Alto Bonito, Lajinha, que não possuía articulação com a parte central da cidade passaram a ter maior integração e as suas residências encontravam-se distantes uma das outras e as mesmas tinham um aspecto rural. (SOUSA, 2008, p. 23), e outros que nem existiam hoje são bairros, povoados e com boa infraestrutura.

Durante a década de 1980, Tocantinópolis apresentou duas “faces” bem distintas na primeira face, conhecida nacionalmente como “Década Perdida” a cidade conheceu a segunda estagnação econômica, [...] o fraco crescimento econômico do país pelo fracasso do regime militar (1964-1985). O município também foi atingido, pois perdeu duas agências bancárias, duas salas de cinema, [...] entre outras infraestrutura e equipamentos urbanos. Na segunda face, os tocantinopolinos presenciam a criação do Estado do Tocantins (05/10/1988). Que consolida o sonho dos habitantes do antigo norte goiano. (SOUSA, 2008, p. 23/24).

Com a criação do novo estado Tocantinópolis torna a ser, mais uma vez, uma das cidades do extremo norte mais importantes na área econômica, e com isso ganha vários benefícios que contribuí para a melhora no desenvolvimento da cidade crescendo e melhorando a sua infraestrutura. Com toda essa mudança muitos pais de famílias venderam o que tinham na roça e vieram morar na cidade em busca de melhoria para sua família; outras deixaram a zona rural forçadas pela demarcação das terras indígenas. Tudo isso forçou a Prefeitura criar um programa habitacional que favoreceu a criação de alguns setores de casas populares, que aos poucos vão se transformando e modificando a paisagem urbana de Tocantinópolis. Segundo Sousa:

Isso significa, em tese, o aparecimento de tantos setores repletos de casas populares nas últimas décadas em tão pouco tempo, como foi o caso dos setores: Alto da Boa Vista I, Alto da Boa Vista II, Vila Padre Cesare, Vila Antônio Pereira, Invasão, Vila Saboia, Vila Tibério Azevedo, entre outros. Contudo, a consequência que mais se evidencia desse “surto de moradia” é a precariedade estrutural de determinadas residências que apresentam: rachaduras nas paredes, ausência de banheiro, materiais de qualidade duvidosa, ausência de análise do solo do local onde foram construídas as casas, entre outros aspectos negativos. (SOUSA, 2008, p. 225).

A verdade é que Tocantinópolis mesmo deixando ser o principal polo da região Tocantins, continua tendo uma significativa importância para seus conterrâneos e cidades vizinhas. Mesmo com deficiência na sua infraestrutura local pela falta de investimento de seus administradores; mesmo com tudo isso continua atraindo moradores, admiradores e visitantes que se encantam com suas belezas naturais ricas em fauna e flora. Neste sentido é que Sousa (2008) comenta que:

Para as pessoas que pensavam que Tocantinópolis seria suprimida por centros regionais como Imperatriz (MA) e Araguaína (TO), o espaço e o tempo vêm demonstrando o contrário, pois apesar de ser uma “senhora idosa” com seus 150 anos de idade, o município ainda apresenta relevância local e regional nos sentidos econômico, cultural e político. (SOUSA, 2008, p. 27).

Entretanto, essa “senhora idosa” está prestes a comemorar seus 160 anos de emancipação e não tão bela como quando os primeiros moradores chegaram aqui, a natureza se encontra prejudicada pelo crescimento excessivo da área urbana que tem provocando grandes impactos ambientais, como queimadas, desmatamentos, tudo em prol da abertura de novos setores e bairros. Desse modo, Tocantinópolis uma cidade em que, cada vez mais, a área urbana cresce, com isso vai se formando bairros que já são quase independentes como, por exemplo, o Bairro Alto Bonito é um bairro com o maior número de moradores.

A partir dos anos da década de 1990 ficou mais evidente a explosão demográfica na que Tocantinópolis estava passando, com o surgimento de vários bairros e o inchaço de vários já existentes. Se antes a cidade ia só até o Centro de Formação, agora cresce para todos os lados com a chegada de novos moradores vindo das áreas rurais e de outros municípios, e vários bairros são criados sob um modelo de desenvolvimento imediatista e irresponsável sem a preocupação com a degradação da natureza para favorecer a ocupação humana, favorecendo a ocupação desordenada das áreas verde que estão no entorno da cidade, assim foi com a criação da Vila Invasão, como bem destaca Sousa (2008):

No ano de 1995, o poder público desapropriou a área que pertencia a Tobasa e deu início a distribuição de lotes aos moradores. [...] foram distribuído exatos 64 lotes em toda a área, alguns até hoje não têm casas, mas a grande maioria estão ocupados por famílias com um número de 4 a 6 pessoas. Destes, grande parte estão desempregados e vivem de trabalho que surge esporadicamente (“bico”), são domésticas e mães solteiras simultaneamente, são idosos aposentados ou são pessoas que vivem de amparo de algum programa social. (SOUSA, 2008, p. 38/39).

Bairros antigos que permaneceram por anos acomodados, de repente passaram a receber muitos moradores, a partir da instalação da Universidade do Tocantins (Unitins) e da Delegacia Regional de Ensino (DRET) no local onde era o Centro de Formação de Professores, como os bairros Dergo, Setor Aeroporto e Rodagem, a partir destes eventos e da construção da Rodoviária no final da década de 1970.

De lá para cá a cidade cresceu e expandiu para todos os lados. Foi sem dúvida, um crescimento desordenado, pode-se ver que a construção civil não para. Muitos vêm da zona rural de cidades vizinhas que saem em busca realização de seus sonhos, alguns querendo a

casa própria; outros empregos. Com isso podemos perceber que o espaço urbano está a todo o momento sendo produzido e reorganizado. Cenários e Instalações que existiam deixaram de existir e outros surgem no lugar ou em outros bairros, mudando, assim, a sua paisagem urbana.

2.3. Tocantinópolis, entre o cultural e a modernidade.

Como já mencionado anteriormente, a primeira Rua de Tocantinópolis – quando ainda era Boa Vista –, criada pelos primeiros moradores, foi a Rua Rola Pilão, e o primeiro bairro, que compreendia o espaço onde hoje fica o “Escola XV de Novembro e o Colégio Dom Orione”, foi o “bairro dos periquitos”. Este nome foi dado ao bairro porque, segundo Correia (1977) os moradores falavam demais.

Dali a população ia crescendo em volta da beira do Rio e subindo a ladeira e se espalhando. Com a franca comercialização proporcionada pela navegação do rio. Dessa forma, o desenvolvimento do bairro da Beira Rio foi rápido, por ser a porta de entrada por onde chegavam novos habitantes, visitantes e comerciantes; era o local onde circulavam as ideias e o progresso de Tocantinópolis, por isso então fez efervescer a cultura, os costumes e o lazer por todo o primeiro século da cidade de Boa Vista a Tocantinópolis.

Portanto, é no bairro Beira Rio que surgem os cenários que mais marcaram a história e a memória dos habitantes mais antigos. Pode-se ressaltar espaços como o **Mercadão**, criado em 1940 era o ponto de encontro dos comerciantes que compravam e vendia suas produções ou o que traziam de outras localidades. O Prédio do Mercado ainda está no mesmo lugar, porém modificado em sua arquitetura interna e servindo a outra finalidade.

Bem próxima à beira do Rio, em um parte elevada ficava a boate **Kaverna** que foi um espaço de lazer muito cultuado. Grandes bailes e eventos aconteciam lá. Era um espaço muito bonito e aconchegantes, sua arquitetura era singular, com a utilização em grande escala de bambu na parte interna, e na entrada para fazer jus ao nome era parecida com uma caverna. Hoje em seu lugar existe uma lanchonete muito bem estruturada com design moderno.

O **Flutuante** era um barco grande que na parte de cima era uma lanchonete e permanecia flutuando sobre o rio. Era muito bonito e requintado sempre com muita gente e oferecia uma visão muito boa da extensão do rio. Atraía muitos turistas.

Subindo a ladeira encontrava-se a **Igreja Matriz** construída em 1937, em sua frente tem uma praça e no centro desta uma lanchonete que já foi um grande *point* turista e de lazer dos habitantes e visitantes da cidade. A lanchonete, que ainda existe, tem um piso superior onde as pessoas subiam para dançar e namorar, além da ótima visão que podiam ter do rio e da cidade.

Ao lado da catedral ainda existe o prédio onde funcionou por muito anos um Seminário católico e também o primeiro cinema da cidade, o “**Cine Alvorada**”. No espaço onde abrigava os estudantes seminaristas, hoje funciona uma escola de Educação Infantil, o Centro Educacional Ana Neri.

Todos esses cenários ficaram são testemunhas da história do desenvolvimento desta cidade. E pode-se dizer que o setor da Beira do Rio foi e continua sendo um dos mais belos cartões postal da cidade, pois possui um privilégio de ficar às margens do rio Tocantins, que existe uma beleza natural incomparável, temporada de praia é um dos pontos turístico mais frequentado da região do Bico do Papagaio. Segundo Sousa (2008).

Atualmente o setor Beira Rio possui uma infraestrutura razoável. Com a decadência da navegação fluvial e a perda de inúmeros estabelecimentos comerciais e públicos, contudo, por se tratar de uma área com ricos traços históricos, culturais e com uma forte atração turística, atualmente apresenta a maior área de lazer e entretenimento da cidade, como: praças, cais, “quadrilhódromo”, espaço cultural, mercado municipal, Igreja Matriz, quadra poliesportiva, lanchonetes, bares, peixarias, etc. (SOUSA, 2008, p. 28/29).

Por quase sem anos, a cidade se reduzia a parte baixa junto ao rio e o entorno da Catedral e onde hoje fica o Colégio Dom Orione. Aos poucos foi se alongando e na parte plana da cidade estende-se o bairro central, que começa a se desenvolver mais no século XX. Nesse bairro também foram surgindo cenários que também são marcantes na história de Tocantinópolis, como a criação da agência do Correio do Norte em 1940, a agência do Banco da Amazônia, em 1956⁴, o **Hotel Presidente**, o mais antigo da cidade, e mais adiante o **Banco do Brasil**⁵ na praça Duque de Caxias, hoje Praça Darcy Marinho, **Clube Recreativo** de Tocantinópolis, **Cine Fides**, **Katya Hotel**, **Boate Multicor**, **Boate Skaylab** e também a **Feira Municipal** e algumas lojas e supermercados.

A cidade era praticamente esses espaços até os anos 1980, então foram nestes bairros que foram surgindo os cenários que mais caracterizam a cultura de Tocantinópolis e

⁴ Inaugurado em Tocantinópolis em 30 de setembro de 1956, segundo GOMES PEREIRA (2001, p. 170)

⁵ Inaugurado em Tocantinópolis em 18 de Setembro 1974

que ao deixarem de existir ou serem substituídos, na atualidade, deixaram lembranças que se constituem e imagens da memória saudosa de uma parte da população, sobretudo a mais antiga. O que traduz para a população mais jovem a sensação de uma cidade que já teve. Diante disso, pode-se notar que o patrimônio cultural de Tocantinópolis está na parte antiga da cidade. Da Beira do Rio até a praça Darcy Marinho.

A praça Darcy Marinho é o centro de todo movimento, pela concentração de suas agências bancárias, duas lojas grandes e outras tantas menores e os dois maiores supermercados da cidade. É também o encontro do fluxo das maiores ruas. A rua XV de Novembro atravessa a praça, sendo que na parte que vai para a beira do rio, é a parte antiga, estreita e com residências antigas; na parte que vai da praça até o Estádio Lauro Assunção é a parte moderna, ampla e é onde se encontram várias repartições públicas, como a Prefeitura, Fórum, Defensoria pública, agência da Caixa Econômica, Secretaria da Fazenda, Cartórios, Escritórios, etc. e onde se encontram as casas mais modernas.

A Avenida Nossa Senhora de Fátima, iniciada na Praça Darcy Marinho – o Centro da cidade⁶ –, corta toda a extensão da cidade, passando pelo bairro Céu azul, dividindo o Setor Rodoviária da Vila Matilde, passa pelo monumento do nome Tocantinópolis e vai até o Bairro Rodagem na saída da cidade que leva à rodovia Transbico. Esta avenida, hoje, no aspecto comercial, é a principal avenida, é a rua que movimenta o comércio, através das inúmeras lojas. Lojas de roupas, supermercados, mercadinhos, farmácias, postos de combustíveis, escolas, lanchonetes e lanchinhos, casas de carnes, casas de materiais para construção, Igrejas, universidade, oficinas, salões de beleza, casas de móveis e eletrodomésticos, e até o shopping da cidade está localizado nesta rua.

Pode-se dizer que esta avenida mudou o ritmo do comércio, modificou a dinâmica e a cultura e transformou a paisagem da cidade. Esta avenida colocou Tocantinópolis em um ritmo parecido ao de cidades maiores. Porém, as casas mais antigas, poucas ainda preservadas na sua arquitetura básica, construídas com tijolinho encontram-se no bairro Beira Rio e Centro. Entretanto, são os cenários desta parte antiga da cidade que compõem a memória coletiva de Tocantinópolis. Memória que pode ser apreendida na forma oral, escrita ou iconográfica, apesar da grande perda da maior parte do patrimônio cultural material e imaterial, por falta de um repositório, um memorial, uma casa de cultura onde se possa preservar as imagens da memória do povo, assim como objetos representativos da história.

⁶ Destaca-se que na praça para baixo, rumo à beira do rio, esta avenida chama-se “Rua Professor Virgílio” e é caracterizada por seu aspecto antigo cujas casas se encontram em estágio avançado de deterioração.

3. A HISTÓRIA ATRAVÉS DAS IMAGENS E DA MEMÓRIA

As lembranças possibilitam ao indivíduo a voltar ao passado vivido através da memória, fazendo com que a história revelada o leve a se sentir novamente dentro da história. Segundo Halbwachs (2006), quando nos deparamos com algo em nosso cotidiano, e isso nos leva à lembrarmos de algo do passado que vivemos, inversamente essas lembranças podem se adaptar em nossa memória tornando-se presente. Portanto em nossa memória guardamos alguns acontecimentos que marcaram e que por várias vezes se repetiram, alguns bons e outros ruins, e que preferimos esquecer os ruins e guardar somente os bons.

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204).

É através da memória que o indivíduo se torna capaz de reconstruir a história fazendo uma ligação entre as gerações, por isso a memória é uma ação da consciência do indivíduo que possibilita ao indivíduo construir sua própria identidade terrena, isto é, de pertença a um lugar. E o que vimos durante a realização deste trabalho, através da escuta das pessoas com as quais conversamos, foi o quanto a história da cidade se reconstrói na memória, se materializa através das imagens reais ou das lembranças e se revela pela oralidade, muito mais que pelos registros encontrados.

Para discutir sobre essas questões relacionadas à história, memória, imagens, paisagens e lembranças, buscou-se apoio em alguns autores como Pollak (1992), Le Gof (2003), Paiva (2006), Halbwachs (2006), Delgado (2006), com o objetivo de entender a significação da memória do indivíduo, a história oral e suas lembranças como importante elemento para se construir uma história. No nosso caso, a história que queremos construir ou reconstruir é a história de Tocantinópolis. Dando vida e voz a alguns cenários que, hoje, só existem na memória de algumas pessoas.

3.1 – Memória e História oral na forma de Lembranças

De acordo com Halbwachs (2006) a memória do indivíduo não é fundada na história aprendida, e sim na história vivida, que se transforma em lembranças que são construídas

durante as experiências vividas, e constituída da memória coletiva, podendo ser registrada por cada indivíduo, a partir da história oral, por isso a memória coletiva é contemplada por vários meios de histórias particulares.

Da mesma forma é a apreensão de uma imagem, no caso desta pesquisa, as imagens são dos cenários tradicionais de Tocantinópolis, como a Catedral, por exemplo, que é um cenário real, mas que tem uma história composta por elementos de fatos acontecidos, das lembranças dos mais antigos, e do imaginário de quem só conhece a sua história pela versão oral. Para Delgado (2006) a memória oral é uma narrativa das lembranças que são contadas pelo indivíduo com base nas suas próprias experiências vividas.

História, tempo e memória são processos interligados. Todavia, o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo de história, visto que se nutre, por exemplo, de lembranças de família, músicas, filmes, tradições, histórias escutadas e registradas. (DELGADO, 2006, p. 17).

Dessa maneira, a história oral são histórias contadas por pessoas mais velhas, que relatam acontecimentos que ocorreram no passado, seja de uma família, cidade e experiências de vidas e costumes de determinadas culturas. Culturalmente a cidade de Tocantinópolis sempre vai coexistir com a antiga Boa Vista do Tocantins, Boa Vista do Padre João. São os fragmentos reveladores de um passado determinante que não se desvincula da atualidade. Isso porque as lembranças são trazidas à tona, sempre na sua de saudosidade de um tempo outro, nem melhor e nem pior, mas diferente.

Para uma cidade bicentenária como esta, considera-se que há poucos registros de sua história na modalidade escrita, muito menos ainda na forma de um repositório da cultura⁷; cenários, espaços e instituições que existiram, nada foi guardado por parte da Secretaria da Cultura. Sobra, portanto a oralidade como a forma de trazer a história das lembranças guardadas na memória individual.

A importância de registrarmos a história do passado de uma cidade, família ou de um local, é para que a história de ambos não morram e a nova geração tenha acesso a ela, seja na forma de imagem ou história escrita ou oral, o importante é manter vivo a história do passado de cada um.

⁷ Sabe-se que existe iniciativas particulares e guarda de documentos, objetos e imagens que retratam a história e a memória de Tocantinópolis, como, por exemplo, os arquivos Murilo Vilella e Natalino Resplandes.

A memória tem grandes propriedades que ajudam a reconstrução da história, com o núcleo de lembranças e de relações afetivas. E são a partir das lembranças que são registradas ou contada oralmente, e assim a história se torna organizada e enriquecida de várias versões que marcaram a vida de uma população, como é caso da história que quisemos registrar sobre alguns cenários que se constituíram as marcas das lembranças e que contribuíram para o desenvolvimento de Tocantinópolis.

Diante de um presente marcado pelo fracionamento do tempo e pela Segregação espacial (que muitas vezes já existia no passado real, mas não no idealizado), os escritores fazem de suas memórias exorcismo do presente e valorização do que passou. Enxergam nas cidades dos bons tempos (o passado) singularidades, signos e representações, cujos significados são individuais, mas se tornam, pela socialização de seus escritores e pelos sentimentos de identificação por eles estabelecidos, significados coletivos. As memórias, lastros das mudanças, são, paradoxalmente, desejo de retenção do passado. (DELGADO, 2006, p. 124).

O saudosismo transparente nas lembranças do povo ao falar de um lugar ou acontecimento, parece, como disse Delgado, na citação acima, a tradução de um desejo de retenção do passado, do seu passado. Não como uma forma de resistência ao novo, mas como uma forma de conservação da história que viveram ou que conheceram e que agora são apenas lembranças tornam alimento para ativar cada vez mais a memória de e um passado que não volta mais.

Segundo Delgado (2006), a memória muda constantemente, ela está presente em coletivos como individuais, mesmo que as lembranças não sejam iguais às histórias escritas. Para o autor, a história oral busca contar a história das modificações que ocorrem na paisagens urbanas, os espaços onde o povo vive no coletivo e que são registrados pela memória que também estar ligada aos costumes da sociedade e em suas mudanças que ocorrem constantemente. Por isso podemos concluir que o espaço em que vivemos é um dos fatores mais importantes para a nossa rememoração e para a ligação da memória aos nossos sentimentos, que ao olharmos para o álbum de família podemos reencontrar momentos de ontem com o sentimento do presente.

As ruas, lugares vivos das cidades, são locais de tensões, são movimentos em busca de encontros. São também, como as cidades, simultaneamente, signos de tradições e signos de transformações. [...]. Nesse sentido, a literatura assume inúmeras vezes, a função de lembrar e reforçar as tradições das cidades. Torna-se voz e eco de um tempo que aos poucos tende a se perder nas teias da modernidade e no culto do novo. (DELGADO, 2006. p. 119).

Através das lembranças de algo que ocorreram no passado, o indivíduo pode ter a sensação de pertencimento a um local ou em um determinado grupo e, dessa forma, sua memória está interligada ao meio em que vive. Portanto, sendo as lembranças de quem viveu nesse meio, segundo Halbwachs (2006, p. 91) “[...] é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimos ao presente, e preparados por reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde imagem de outrora já saiu bastante alterada”.

Neste contexto que buscaremos compreender o papel da **memória** na construção do desenvolvimento urbano da cidade de Tocantinópolis, através da leitura do passado, lembranças e da história oral de cada indivíduo com sua história de vida, que é importante para compreender as mudanças que ocorreram ao longo dos anos.

As lembranças que ficam guardada na memória, para alguns indivíduos é a única coisa que o estimula a seguir em frente, mais para outros isso só acontece quando é coisas boas, porque quando é coisas ruins, querem somente esquecer. Por isso às vezes em nossas lembranças ocorre algumas alterações, isso acontece por alguns motivos que não nos adaptamos com algumas transformações em nossa cidade que surgem devido ao crescimento de bairros, ou por ter desaparecido alguns pontos de encontro de amigos, pode se dar também pelo aumento da violência e com isso algumas pessoas se isolaram e isso fez com que a interação com as pessoas diminuíssem.

Mesmo com essas mudanças ainda alguns costumes permaneceram e são de suma importância para os mais velhos, e com isso Halbwachs (2006, p. 87) afirma que:

O passado deixou na sociedade de hoje muitos vestígios, as vezes visíveis, e que também percebemos nas expressões das imagens, nos aspectos dos lugares e até nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente pensado e reproduzido por tais pessoas e tais ambientes. [...] essas influências acabam fazendo parte da característica do indivíduo, e esses costumes vão ficar guardados na memória do indivíduo que vai passar para as futuras gerações. (HALBWACHS, 2006, p. 87).

Percebe-se que ao pensar a imagem como artefato cultural pode-se expressar valores de uma determinada sociedade, também nos remete ao seu imaginário social, portanto, pode trazer à tona as teias culturais do tempo e espaço que são estudados pelos historiadores e etc. verifica-se que através da análise de uma imagem pode formar um discurso oral e que trazem à tona algumas lembranças na memória do indivíduo, discurso esse que foi importante para determinada cultura, e pode servir de possibilidade no diálogo e também como código para essa cultura.

Através da história oral segundo Delgado (2006) podemos construir um documento com narrativas e que através dessas histórias, pode se reativar algumas lembranças que consideramos esquecidas, e que através dela podemos entendermos a importância da memória, e com isso possamos sistematizar toda a história do passado de uma família ou cidade.

É preciso que entendamos que a memória, não fala por si só, é necessário que haja perguntas, para que venhamos descobrir o passado e entendermos o futuro. Da mesma forma possuímos algumas histórias guardadas e que com o passar do tempo deixamos de utilizá-la, mas com o tempo ao recorrer a elas vem as lembranças que invadem nossa mente como uma música que pode nos trazer sensações ruins e boas de tudo que vivemos, ao guardamos na memória significa que se evoca algo que foi bom, ou as vezes ruins mas que é importante guardarmos as vezes como prova.

3.2. Imagens da Memória e do Imaginário.

Segundo Marques (2016, p. 39) a palavra imagem apresenta diferentes sentidos. Inclusive, leva as pessoas a pensarem em gravuras, pinturas, fotografias, entre outras. Pode também ter um sentido de imagem mental, por exemplo, quando ouvimos uma narrativa ou também quando lemos algo, muitas vezes cria-se uma imagem na mente, referente ao conteúdo lido ou ouvido. (...). A imagem nos faz recordar lembranças boas e ruins, e descobrir o passado de algo como cidades, pessoas etc.

Para Paiva (2006, p. 35) “as imagens foram profundamente incorporadas ao nosso imaginário”. Dessa forma as imagens de alguns livros, jornais, fotos antigas de momentos importantes, entre outros. Levam-nos a relembrar alguns momentos ruins e bons, mas importante saber que todas essas lembranças nos mostram a história que está guardada na memória, e vai além da imagem vista, por trás dela existe o que ficou guardado em nosso imaginário, tanto antes quanto depois do registro, por isso cabe a nós reconhecer, que a memória nos levar reencontrar algumas ligações com os nossos pensamentos e sentimento, que pesamos ter esquecido. Portanto as imagens como os objetos, constitui a memória a partir do conjunto formado pelas ligações entre as lembranças do passado e também presente.

A memória tem sido algo que pode expressar de maneira significativa a identidade de cada indivíduo a sua construção na história e com suas [...] “representações imaginárias e de

memória, completando-se” (Paiva, 2006). Podemos entender que cada indivíduo com o tempo vai construindo as suas próprias características que ele terá pelo resto da vida. E, dessa também se transforma, o meio em que vive tudo isso faz parte da vida de cada um de nós, que às vezes recorremos a nossa memória ou algumas imagens que são guardadas, para relembarmos o passado, que é capaz de ultrapassar séculos.

As imagens, portanto, podem ter longa vida. [...] Muitas imagens, tanto iconográficas quanto de memória, de grupos sociais, de momentos históricos, de eventos, de sociedades inteiras inscrevem-se nessa duração temporal alongada, ora cultivada e preservada, ora combatida. (PAIVA, 2006, p. 52).

Através das imagens de alguns lugares, que apresentamos para algumas pessoas, foram determinantes para que essas pessoas buscassem na memória algumas lembranças de momentos vividos, e assim podemos perceber que com essas imagens, foi utilizada para reativar as lembranças guardadas em sua memória, e renasceu algumas histórias que ficaram guardada no passado, que marcaram suas vidas em um determinado espaço de tempo. Por isso a imagem pode ser utilizada para se entender o passado de algo e fazer com que a cada momento que é deparada com ela venha as lembranças de algo que foi vivido.

As imagens que ficam na memória são elementos determinantes na reconstrução de uma história passada, mesmo quando a fonte de pesquisa está na forma escrita. A construção da história da cidade de Tocantinópolis está permeada por imagens que são as lembranças e a memória do povo, pois dificilmente se encontra uma escritura daqueles tempos ainda do século XIX. A obra mais antiga que conhecemos é o livro de Aldenora Correia “Boa Vista de Padre João” publicado já na segunda metade do século XX. E os fatos narrados, são, em sua maioria, fatos recolhidos da memória do povo. A falta de registo, escritos ou imagéticos de acontecimentos, lugares, e paisagens, faz com que a história oral tenha um papel fundamental para a construção de fontes da história.

Ao longo dos anos, a história oral teve um importante papel na sociedade e na cultura, como também na vida de cada indivíduo. Por isso a história oral é de todos os modos uma ponte de relação entre o homem e o mundo, com seu passado e com o presente. Essa história contada é capaz de produzir sentimentos e emoção, ao lembrar-nos do passado. Para que algumas histórias do passado de uma cidade ou de lugares não morram juntos com seus antepassados a melhor forma é registrar de forma escrita, e assim possa permanecer intacta por muito tempo.

Segundo Jacques Le Goff, a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. O estudo da memória passa da Psicologia à Neurofisiologia, com cada aspecto seu interessando a uma ciência diferente, sendo a memória social um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da História.

É de suma importância consideramos que a memória de cada indivíduo não funciona apenas com uma influência, mas com diversas, que vão sendo adquirida no meio em que vive. A memória do indivíduo ela depende do relacionamento do indivíduo tem com a sua família, escola. E com o meio em que vive, ou seja, com o grupo em que convive esse indivíduo, é neste que ele adquire as informações que podem ser usadas para se conhecer diferentes épocas, por isso a multiplicidade de informações, servem de estímulo para forma a memória coletiva.

Segundo Le Goff “A noção de aprendizagem, importante na fase de aquisição da memória, desperta o interesse pelos diversos sistemas de educação da memória que existiriam nas várias sociedades e em diferentes épocas”. (LE GOFF, 2003, p. 420).

A memória é o ponto principal da história, pois a história é criada aparte de uma boa memória, todo historiador, tem uma boa memória, pois ele guarda inúmeras informações na memória e depois repassa como uma história. Ou colhe informação para sua história através da memória humana de outro indivíduo, pois a memória e a história são inseparáveis uma depende da outra, ou seja, ambas se completam. Juntas resgatam o passado no ponto de uma sociedade ou mesmo de uma família tudo isso pode ser encontrado em cada indivíduo por meio da memória.

Portanto existem:

[...] diversas concepções recentes da memória, que põem a tônica nos aspectos de estruturação, nas atividades de auto-organização. Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistema dinâmicos de organização [...] Alguns cientistas foram assim, levados a aproximar a memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas e sociais (LE GOFF, 2003, p. 421).

A memória tornou-se ponto fundamental de estudo para historiografia, pois ela surgiu para estudar a imagem, a história trabalha a memória em várias áreas que nos às vezes desconhecemos, como por exemplo: filosofia, sociologia, antropologia e também nas ciências, pois os cientistas buscam através da memória do indivíduo descobri a história de algo ou do

próprio indivíduo, mesmo em muitas vezes a memória se torna suspeita para história, elas são essencial uma pra outra. A memória reflete também na imagem, pois criamos a imagem através de algumas lembranças que acumulamos em nossa memória.

Devemos entender o papel da história oral, que é de conserva as lembranças quando precisamos para obtermos informações importantes do passado seja do mundo ou de uma cidade, por isso precisamos utiliza também a memória para uma construção de uma história. Por isso as três formam um conjunto que faz parte, de uma espécie de círculo, que ambas se completam, pois a memória principalmente se constitui a partir de um conjunto formado pelas ligações entre as lembranças.

As imagens e a memória têm um papel importante na história, pois através da memória de um indivíduo pode se criar uma imagem, e através das duas pode se escrever uma história. Por isso, para Le Goff (2003), entre história e a memória existe uma relação que precisa ser estudada. Devemos lembrar que a memória é viva, pois é que cultivada por pessoas vivas, e que o indivíduo constrói suas memórias, no seio familiar, através de sua cultura, seja qual for a memórias, boas ou ruins, mas cada indivíduo tem a sua própria memória, e deve ser respeitada.

Através da imagem, podemos estimular uma memória criativa, que seja capaz de retratar o que o autor da imagem estar querendo transmitir através dela, mas para isto acontecer devemos ter uma olhar sensível, para quer possamos ver o que realmente a imagem estar, representando. A imagem, assim como a memória, tem uma longa vida, que preservam a história de um passado, para que no presente tenhamos uma ideia de algumas representações de nós mesmo, do nosso passado e de nosso futuro.

Para Le Goff (Op. cit.) A memória serve para complementar a imagem como forma de organização na vida social, e de como vimos o mundo, e lidamos com os nossos valores, podendo nos determinar de que forma devemos lidar com as práticas em nosso cotidiano, isso tudo é importante para controlar o nosso próprio comportamento, nos ajudando a lidarmos com as ideias que são formadas até hoje de nós mesmo, que trazemos do passado que interfere em nosso futuro. Por isso certas imagens nos ajudam a responder algumas perguntas que fazemos de nós mesmo, em algum momentos de nossa vida que resolvemos apagar de nossa memória certos momentos ruins e guardarmos somente os momentos bons de nossas vidas.

Desta forma Le Goff afirma que:

A memória, na qual cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servi ao presente ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para servidão dos homens. (LE GOFF, 2003, p. 471).

A história se fortalece, quando se junta com a memória, que é usada para conhecermos o passado e compreender o que acontece em nosso presente. A história às vezes serve para que o indivíduo venha descobrir alguma informação que estava encoberta na memória. Mas na citação acima fica claro que a memória principalmente a coletiva serve para liberta o indivíduo de algumas lembranças que estão presas na memória e não para escravizar. Dessa fora entendemos que a memória não surgiu apenas como uma simples conquista, mas que ela se tornou uma ferramenta poderosa que é usada para constituir e permitir que venham compreender e dominar as recordações de nossas culturas e de tradição, tudo isso está armazenada em nossa memória.

Com a evolução da sociedade, e sua importância de seu papel na memória e sua democratização na vida social, pois a memória se tornou um elemento indispensável e essencial para algumas atividades, no desenvolvimento da sociedade. Entretanto a memória faz-se necessária para a conscientização de seus atos perante a sociedade, e com o meio que vive dessa forma o ser humano vai construindo suas próprias idealizações, e suas características que são adquiridas, a partir de suas ações que surgem em sua infância e que permanece vivos os seus valores e seus princípios que foram adquiridos no seio familiar. Cada indivíduo é formado pelos seus próprios instintos que fazem ele se tornar quem ele é, portanto a memória é também uma ação da consciência do indivíduo que faz com que ele relembre seus valores quer foi passado pôr seus antepassados, este é o papel da memória, ou seja, uma complementa a outra. Além do mais todo indivíduo tem sua própria história, e suas experiências, por isso a memória é algo que contempla a relação do vivido com o real, que fazem parte da história particular de cada um de nós.

Todavia a memória tinha um papel considerável no mundo social, no mundo cultural e no mundo escolástico e, bem entendido, nas formas elementares da historiografia. [...] nestes tempos, o escrito desenvolve-se a par do oral e, pelo menos no grupo dos clérigos e literatos, há um equilíbrio entre memória escrita, intensificando-se o recurso ao escrito como suporte da memória. (LE GOFF, 2003, p. 444 e 445).

Com Le Goff (2003) entendemos que a memória é construída através de inúmeras funções, que é adquirida com a as informações, impressões, e com nossas representações do nosso passado. Quando trabalhamos com a nossa memória tanto a (coletiva ou individual)

podemos evitar vários problemas como a amnésia. Verifica-se que tanto as lembranças como a história oral, juntas demonstra que são fundamentais para que, algumas informações, de alguns lados da sociedade não venham ser distorcidas pela generalização que são incorporados em alguns procedimentos quer são usados na pesquisa em si, existem algumas limitações documentais, nas técnicas de persuasão e as construções interpretadas.

Desta forma a história oral, tem um objetivo, além de levar diferentes conhecimentos para o indivíduo, ela é responsável por recordar fatores que contemplam o presente, e repassam as relações que foram construído no passado, para que o ser humano construa sua identidade social e pessoal, através do conhecimento de uma cultura. Assim a história local não foi esquecida por muitos de seus moradores mais antigos, que guardam na memória as lembranças vivas de um passado que é fundamental para compreensão para a história das futuras gerações.

4. A HISTÓRIA ORAL E AS IMAGENS QUE FICARAM NA MEMÓRIAS.

Muitas foram as imagens que ficaram na lembrança do povo. Imagens de cenários e lugares que já não existem mais ou que foram completamente modificados, mas que tiveram a sua importância e constituem o patrimônio cultural e histórico dessa cidade. São imagens que contam a história do lugar e de um tempo. O que se pode observar durante a pesquisa era o quanto lembrar alguns acontecimentos fazia bem aos entrevistados. Pareciam que relembavam acontecimentos que foram importantes para as suas vidas. Para alguns era nítido o prazer em falar do passado, o interesse em reconstruí-lo e eternizá-lo, para que a nova geração conheça e se encontre nesse tempo tão significativo na vida de cada sujeito.

Mas também pode-se perceber nos entrevistados, além da satisfação, ao mesmo tempo, a tristeza e um vazio por tudo que viveram e já não existe, e o que ainda existe não é valorizado pela nova geração. Alguns deixaram claro que a tristeza em ver que os costumes estão morrendo junto com eles. Falaram também da felicidade em saber que existe alguém que esteja interessado em conhecer o passado da cidade e as vidas dos seus antepassados.

Dos vários cenários levantados na parte anterior, selecionamos alguns que parecem ter sido os mais marcantes na memória das pessoas com quem conversamos. São espaços

relacionados a dois aspectos: Cultura e Lazer e Indústria e Comércio. E é nesse ordem que apresentaremos as imagens da memória dos entrevistados.

4.1 – Cultura e Lazer:

No tocante a este aspecto buscou-se alguns espaço que não existem mais e que são considerados pelos entrevistados como de grande relevância para a cidade. Vimos que ao falarem em alguns desses lugares de lazer deixavam transparecer um sorriso acompanhado de saudades. O cinema, por exemplo, como um dos lugares de entretenimento, era com muita alegria que os entrevistados falavam da emoção que sentiam ao “ir ao cinema”. Sim, ir ao cinema assistir a um filme era um ritual de que trazia entretenimento e diversão. Pois como assinala Lopes (2012)

Para o senso comum, a palavra cinema é logo associada ao local onde o espetáculo cinematográfico se realiza, ou seja, uma sala escura, na qual os filmes são projetados em grandes telas e que as pessoas vão para se distraírem. Por isto o conceito de cinema está, geralmente, ligado à ideia de um lugar de diversão e de interatividade (LOPES, 2012, p. 28)

4.1.1. Cinema:

Em Tocantinópolis, o cinema teve seu auge nos anos de 1960 ou até antes. As pessoas que falaram sobre esse tema não souberam precisar datas, mas sim falar dos espaços, como eles foram se sucedendo e até a decadência. É certo que o cinema no mundo todo sofreu e decaiu, nos meados da década de 1980, com a popularização da televisão e de vídeo cassete. Em muitos lugares sobreviveu e continua em alta, mas em Tocantinópolis, ficou só a lembrança.

Os primeiros cinemas de Tocantinópolis foram o **Cine Alvorada** e o **Cine Dom Bosco**, e para falar sobre eles a pessoa entrevistada foi o Sr. José Domingos Guimarães, filho do dono de um dos cinema.

Pergunta: Como surgiram os primeiros cinemas de Tocantinópolis?

R – Foi através de uma associação. Os sócios eram Sr. Raimundo R. Guimarães (pai do entrevistado), Sr. José Gomes, Sr. Expedito e Sr. Mário e tinha outros sócios. Quando a associação criou o primeiro cinema, colocou o nome de “Cine União”. Depois a associação se

desfez e o cinema passou a ser conduzido pelo Sr. Raimundo Guimarães que mudou o nome para “Cine Alvorada”. Não lembro a data exata de quando foi criado. Sei que foi nos anos de 1960, porque 1970 o meu pai ficou com o cinema sozinho, eu comecei ajudar a operar a máquina, colocando os filmes junto com ele.

Pergunta: Como era o funcionamento do cinema?

R - O cinema funcionava todos os dias. Tinha uma boca de alto falante em cima para anunciar os filmes, aí depois, mais tarde, comecei anunciar no carro de propagandas.

Pergunta: Como era o cenário do Cinema?

R – Nossa! (*Emoção e alegria*). Lembro como se fosse hoje! Saudades do tempo velho. Saudades demais. Os bancos eram de madeira e no espaço cabiam de cento e cinquenta a duzentas pessoas. Quando eram filmes de aventura, que os jovens gostavam, o cinema ficava cheio, superlotado. Era um espaço para todo público, jovens, crianças e adultos. Dentro do cinema a minha mãe vendia geladinho, guaraná naquelas garrafinhas pequenas. Ela era a porteira os meninos a enganavam porque ela cochilava, às vezes dormia mesmo e os meninos aproveitavam para entrar sem pagar, entrava menino demais, mais era bom demais.

Pergunta: Por que este cinema fechou e que ano?

R - Depois o meu pai saiu do prédio da associação, onde hoje é o salão de cabelereiro do Mário Ferré, filho de seu Zé Gomes (um dos sócios). Ai fomos trabalhar no cine paroquial que meu pais arrendou e o nome de “Cine Dom Bosco”. O Cine Dom Bosco funcionava no prédio onde hoje fica a Escola Ana Neri e os Narcóticos anônimos. Lá no prédio onde era o cine paroquial o espaço era maior, porque no cine alvorada onde começamos a máquina só operava dezesseis milímetros aí no Dom Bosco como o espaço era bem maior começamos operar com trinta e cinco milímetros uma tela maior ai o tempo foi passando papai foi cansando de mexer com cinema aí em 1980, papai fechou o cinema vendeu as máquinas e tudo.



Figura 1. Salão de cabelereiro prédio onde funcionava o cine Alvorada.
Fonte: Simone Rodrigues.



Figura 2. Prédio antigo cine Dom Bosco também funcionava como centro de reabilitação, hoje vazio.
Fonte: Simone Rodrigues.

Sobre o **Cine Fides** poucas informações foram encontradas, pois, parece que os proprietários não eram de Tocantinópolis. As poucas aqui foram trazidas pela senhora Maria da Conceição Matos Nascimento, uma antiga moradora que contou que “antes Tocantinópolis era mais desenvolvida, tinha o cinema que as pessoas iam assistir com seus familiares, porque naquele tempo quase ninguém tinha televisão, então o Cine FIDES era a distração naquela época”.

Pergunta: Você costumava frequentar o cinema?

R – Sim, fui uma vez assistir. Era um filme de aventura e os meninos queriam muito ir. Aí eu fui com eles. Muito bom, era uma diversão. Eles amaram depois eles foram mais vezes com o avô deles. Não sei o motivo do fechamento, mas é muito triste ver que uma coisa muito importante para cultura de nossos jovens. Agora, se alguém quiser assistir cinema tem que ir para Imperatriz (MA). Eu ainda vou assistir antes de morrer. Meus netos nem sabem o que é cinema e olha que já é uma nova geração.

Pergunta: Quem era o proprietário do Cine Fides?

R – Não sei o nome completo, mais era Leo. Ele não morava aqui. Ele também tinha um cinema em imperatriz e aqui tinha um rapaz que ficava no cinema, mas não sei o nome.

Pergunta: Você saber em que o ano Cine Fides foi inaugurado?

R – Acho que foi em 1981 foi no ano que ganhei meu filho caçula, por que antes tinha os outros cinemas aqui fecharam o último, se não me engano, foi o Cine Dom Bosco. Depois foi a inauguração desse cinema. O dono veio de imperatriz só para colocar um aqui em Tocantinópolis, ele ficava ali ao lado do hotel do senhor Ribamar Marinho, onde até hoje tem um espaço vazio.

Pergunta: Você sabe quando o cinema fechou?

R - Não sei falar com certeza mais acho que foi em 2000 por aí. O cinema sempre foi na Avenida Nossa Senhora de Fatima, próximo ao Banco do Brasil e o Posto Darci.



Figura 04. Prédio onde funcionava o cine fides, hoje

Cokimroberlan. Disponível em:
https://www.facebook.com/cokimroberlan/media_set?set=a.1186251148109543.100001740069143&type=3. Acesso em: 23 de jun. 2017

vazio. Fonte: Simone Rodrigues.

4.1.2. Clube Recreativo de Tocantinópolis:

O Clube recreativo de Tocantinópolis, era um espaço da alta sociedade. Nem todas as pessoas iam aos grandes e sofisticados bailes no clube. Muitas vezes nem por falta de convite, mas por falta de um traje apropriado para a ocasião e o espaço. De acordo com o Estatuto do Clube, o Grêmio recreativo de Tocantinópolis foi fundado em 31 de janeiro de 1966, na rua XV de Novembro nº 79, com objetivos de proporcionar as famílias locais um ambiente digno onde, efetivamente haja vida social promover e apresentar festas sociais, recreativas etc. Organizar competições esportivas, desenvolver e estimular o espírito sócio cultural da sociedade local.

O Club recreativo era constituído de Diretoria, Conselho fiscal, Conselho deliberativo, Departamento social, Departamento de relações públicas jurídicas, Departamento cultural e esportivo, Departamento patrimonial e assembleia geral. Cada Presidente eleito tinha o mandato de dois anos, formado com Vice-presidente, Secretário geral, e segundo Secretário e Tesoureiro⁸. Era constituído por vários sócios, um dos sócios foi o senhor José de Ribamar Maia Sousa, associado em 1980, esposo de uma das entrevistadas. O último Presidente o senhor José Borges que ficou de 1994 a 1996, quando se encerrou suas funções no estabelecimento.

Sobre o Clube as entrevistadas foram a senhora Eulália Borges, esposa do último presidente.

Pergunta: Fale sobre o Clube Recreativo, como era organizado.

R – Era organizado por meio de uma sociedade. Meu marido foi um dos sócios, inclusive foi o último sócio e foi o último presidente, não foi por votação, apenas porque o Sr. João José Milhomem, que era o presidente ou vice-presidente naquela época não, lembro, veio e entregou todos os documentos para ele. Só nos documentos que não estão comigo tem

⁸ Estatuto do grêmio, cedido por dona Iolanda Carmo Maia esposa do senhor José Ribamar Maia Sousa, junho, 2017.

toda relação de todos os sócios e quem foi o primeiro presidente. O clube era bem organizado tinha estatuto e cada sócio tinha o seu, as reuniões eram marcadas com antecedência a diretoria comunicava através de carta para cada sócio falando a hora e o assunto de cada reunião.

Pergunta: Como funcionava o Clube?

R – Ah! já não tem clube para se fazer festa como antes. Não tem um espaço que era para a sociedade, que não seja de um grupo definido como tem hoje o Clube da Sucam, AABB, que é do banco do Brasil. O Clube Recreativo era um conjunto de sócios, não tinha um grupo definidos, era de muita gente, era para a sociedade mesmo. Era um espaço muito bom. Não era tão grande, mas para a época dele, era um espaço bom. Não tinha tanta gente como tem hoje, agora o espaço ficaria pequeno. O clube tinha regras rígidas, e muita gente foi barrada na porta. Exemplo: moça falada não podia entrar, isso na década de 1970. Até nesta década tinha isso: se o pai não fosse sócio ou se a pessoa não fosse acompanhada de algum sócio era barrada não entrava ou tinha que levar atestado de virgindade⁹. Eu assistir essa cena bem na porta desse clube. Duas moças que foram desacompanhadas de seu pai e foram barradas, não puderam entrar. O clube não funcionava todos os dias. O local é mais para fazer festas regionais e comemorar aniversário de sócios, festas reservadas. Não tinham essas festas desorganizadas, bagunçada, brigas, mortes. O Clube era um lugar onde podíamos nos divertir com tranquilidade, pois pessoas bagunceiras não podiam entrar, o clube era bem organizado só os sócios tinha acesso.

Pergunta: Porque o Clube fechou? Quando fechou?

R - O problema de ter acabado nem foi por falta de gestão, foi porque o tempo vai mudando as coisas, né? Vão aparecendo outras formas de diversão, outras coisas e os clubes de diversão, em todos os lugares aconteceram isso, porque foram aparecendo outras coisas, boates. Não é o caso da nossa cidade. E aqui não tinha nada assim. Os sócios mais antigos foram deixando de se envolver, aí foi o tempo em que a maçonaria criou o clube deles, e como a maioria dos sócios do Clube eram maçons, que tinham certa força em ajudar financeiramente e também em articular as coisas. Quando a maçonaria passou a funcionar o

⁹ Ao se referir a virgindade a entrevistada usou um termo não apropriado ao trabalho acadêmico. Optamos por usar o termo científico, porém a entrevista na íntegra encontra-se em anexo.

clube dela dificultou mais, porque o Clube recreativo ficou nas mãos de pessoas sem o poder de articulações. Aí ficaram só as festas de debutantes, formaturas, casamentos, essas coisas. Aí acabaram aquelas festas tradicionais que tinham todos os anos como a festa do babaçu, festas da primavera... aí os outros sócios não tinham esse poder de articulação que a maçons tinham. Ai o clube foi parando e foram surgindo outros espaços, como a AABB. Até que ficou parado, só tinha um zelador. E por fim o então prefeito Fabion Gomes mandou derrubar o prédio para desapropriar e transformar em um espaço para os feirantes. Assim foi o destino do Clube. Fechou suas portas em 1996.

Pergunta: Sobre a documentação e o patrimônio do Clube, com quem ficou?

R - O último presidente foi o José Borges, meu marido. Quando assumiu a presidência tomou a guarda dos documentos do Clube. Depois que ele morreu, os documentos permaneceram guardados em um caixa juntamente com alguns objetos. Mais recentemente veio aqui o Senhor Aldenor Bandeira e levou consigo a pasta dos documentos. Com relação ao patrimônio, quando ficamos sabendo que o prefeito estava buscando os documentos para desapropriar o imóvel, houve uma confusão, mas a maioria dos sócios já não existem mais. O patrimônio foi depredado, mesas, cadeiras, balcão, tudo foi carregado do Clube. Colocaram uma movelaria dentro do Clube e lá ficou por muito tempo. Carregaram tudo. Até hoje ainda encontra-se em algumas casas ou estabelecimento, cadeiras com as letras “g.r.t” que pertenciam ao Clube Recreativo de Tocantinópolis. Os documentos que estão com o Aldenor. Ele tem tudo sobre o Clube, do início ao seu final¹⁰.

¹⁰ Apesar das inúmeras tentativas, não foi possível conversar com o Sr. Aldenor Bandeira.

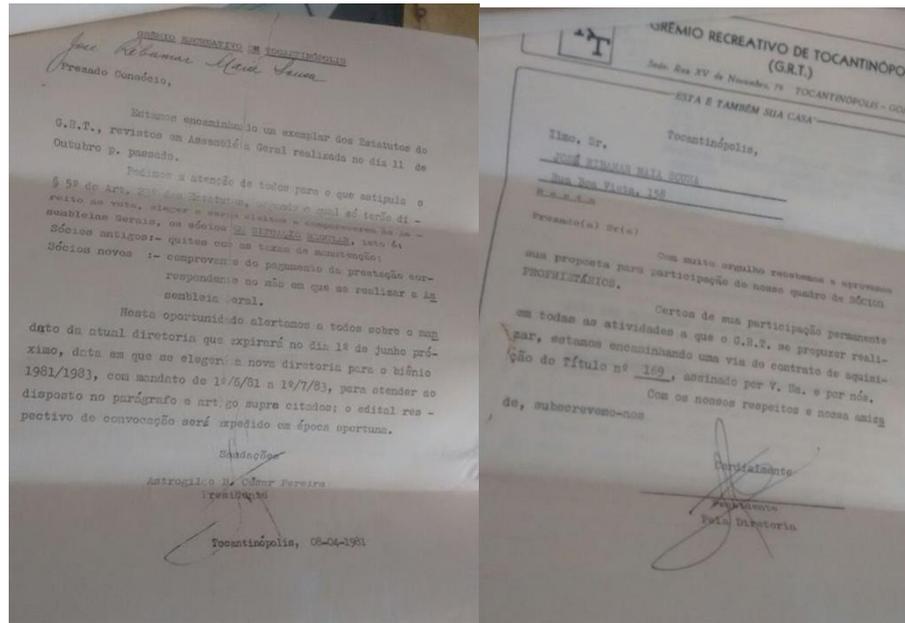


Figura 5 carta de convocação de reunião para os sócios e o contrato de sócios.
Fonte: Iolanda Maia.



Figura 6. Casamento dia 27 de Outubro 1987
Fonte: Dilma Pereira de Castro.



Figura 07. Terreno vazio e Ruínas do antigo Clube.
Fonte: Simone Rodrigues

4.1.3. Boates e Danceterias

Dos anos de 1960 a 1980 foram os anos em que a onda da “discoteca” estava em alta, e em Tocantínópolis não foi diferente. Algumas boates nos moldes das boates de outras cidades eram lugar de encontro e divertimento. Na memória dos entrevistados estão a **Boate Multicor**, a **Boate Skylab** e a **Boate Kaverna**.

O primeiro entrevistado foi o senhor Raimundo Soares de Sousa, vulgo Caxixé, que foi funcionário do dono da Boate Multicor e trabalhou na mesma do seu começo até o final.

Pergunta: De quem era a Boate Multicor e como funcionava?

R – O proprietário era o senhor Tibério Maranhão Azevedo e foi aberta no ano de 1950. As festas aconteciam todo final de semana que funcionava. Tinha as festas comemorativas e as noitadas que era quando um avião que pernoitava aqui, cheio de homens que ficavam no hotel presidente. Aí eles iam para boate beber e dançar. Também tinha as matinês que era o vespéral, quase todo final de semana. Tinha as festas familiares, casamentos, aniversários e as comemorativas como o carnaval. No carnaval o povo usava um tal de lança perfume, esse produto era um perfume muito cheiroso as pessoas colocava no pano e cheirava, e era cheiroso demais. Tinha pessoas que colocavam muito, cheiravam e desmaiavam, principalmente as mulheres. Outros ficavam doidos. Só entrava a elite, as moças de família que não fossem faladas. Se as moças fossem faladas, poderia até ser rica, mesmo assim não entrava. A classe pobre também não, os chamados pipirais. Para entrar na boate a pessoa tinha que estar bem vestido, homens que tinha a fama de bagunceiro não entrava na boate. As festas eram muito boas, era sadias, não tinham brigas.

Pergunta: Como e onde era a boate?

R - A boate era onde é hoje a Loja Economia, tinha quarenta mesas de vidro. Tinha um bar. As lâmpadas eram coloridas, por isso que chamava “boate multicor”. A energia era a motor, eu trabalhava nele e também era o garçom. Dentro dela tinha também uma fábrica de picolé, sorvete e gelo. Tinha gente que quando pegava no picolé ficava assoprando, não tinha costume. Tinha um bar com uma sinuca. Isso tudo funcionava todos os dias, de dia e também à noite. Tinha um espaço para se as pessoas quisessem dançar, dançavam. Na frente dela tinha um pé de manga e nele tinha um alto falante que servia para os namorados se declararem para suas namoradas ou dedicar uma música para sua amada, também servia para fazer propaganda das coisas que tinha para vender na boate.

Pergunta: Por que fechou e que ano?

R - Fecharam em 1960 foi enfraquecendo. Mais acho que foi mesmo que encerrou de vez no final de 1961 eu saí e fui trabalhar na construção da ponte do estreito. Ela fechou, mas a sorveteria e o bar continuaram funcionando um bom tempo só à boate que não funcionou mais.



Figura 08: Loja Economia, prédio onde funcionava a Boate Multicor.
Fonte: Simone Rodrigues

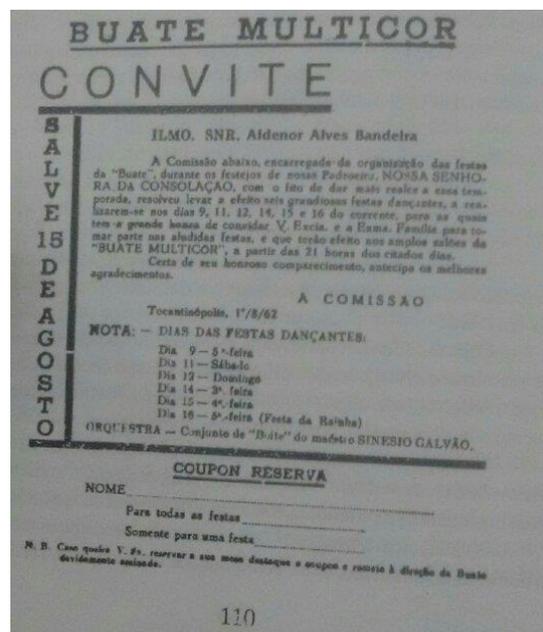


Figura 09. Convite para festa do festejo da padroeira Nossa Senhora Da Consolação.
Fonte. Livro do Drº. Aldenor Alves Bandeira. Título: Bonifácio aa História de Tocantinópolis, p.110.

Sobre a Boate Skaylab o entrevistado foi o proprietário, o senhor José Gomes de Almeida.

Pergunta: Quando foi criada e como funcionava a Boate Skaylab?

R - A Boate Skaylab foi criada em 1972 e recebeu este nome porque foi bem no tempo em que caiu um satélite com esse nome Skylab aí coloquei esse nome.

Pergunta: Como funcionava a Boate?

R - A boate funcionava sexta e domingo e foi o povo mesmo que se encarregou dessa organização, não foi nem eu e nem o dono da Kaverna não se envolvemos nisso não. No sábado a Kaverna era aberta e aqui era fechada. Foram os clientes que escolheram assim. Aí dia de sexta-feira, às vezes meio dia, o povo começava chegar para comprar as mesas, por que o espaço era pequeno. Às vezes dava briga porque chegava o povo doido para entrar, mas não cabia mais ninguém, principalmente quando a Tobasa começou a funciona. Era gente demais. Mas quando dava duas horas o povo ia embora, não ficava ninguém, por que o povo chegava cedo. O povo da Tobasa era o nosso maior freguês, povo educado, fina demais.

Pergunta: Quando e Por que fechou?

R – Acabou porque este negócio de lazer a gente não pode ficar mudando. Fui mudar a cobertura sem projeto, ai não deu certo, deu tudo errado. Acabou porque ficou muito quente e não deu mais movimento. Na cobertura foi colocado telhas Brasilete. No dia da reabertura encheu de gente, lotou só de gente boa, só da sociedade. Mas só foi nesse dia, depois nunca mais prestou. Fechou no período de 1985 a 1988, entre 85 e 88, foi fracassando até que acabou de vez. Ela era redonda tinha uns peitoris Minha esposa foi em imperatriz e comprou um tanto de jarro e plantou umas samambaias. Por ser um espaço frio, ficou uma coisa muito linda, era linda mesmo. Ela era redonda, era muito boa, boa mesmo, as pessoas gostavam de ficar aqui, principalmente a tarde.



Figura 10: farmácia Tocantins e vistoria eletrônica prédio onde funcionavam a Boate Skaylab.
Fonte: Simone Rodrigue.

4.2. Comércio e Industria

Nesse quesito, três espaços são os que fizeram a cidade de Tocantinópolis adquirir um movimento próprio das cidades que tem um grande desenvolvimento comercial, são eles, o próprio Rio Tocantins, o Mercado, a Feira Municipal, o Hotel da Kátia e a Tobasa. Aqui vamos deixar trazer a imagem da memórias das pessoas com quem conversamos sobre esses lugares.

4.2.1 – O Rio Tocantins.

Segundo Pereira (2012, p. 257) foi no século XVII, época em que foi descoberto o Rio Tocantins pelos franceses (1610), o futuro local onde seria Boa Vista do Tocantins, era um local habitado exclusivamente por índios. Depois da chegada dos primeiros habitantes brancos e o estabelecimento de suas moradias que a fauna e a flora passaram a ser exploradas. O rio principalmente, porque era navegável e possuíam muitos peixes. O rio passou a ser um corredor por onde o comércio se desenvolvia, levando produtos (in natura) que iam sendo recolhidos na extensão do rio, desde Porto Nacional até Belém no Pará. E de lá trazia produtos industrializados.

O entrevistado sobre o rio foi o senhor Raimundo Soares de Sousa, que foi barqueiro e hoje, aos 87 anos, guarda na memória as lembranças e a saudade daquele tempo.

Pergunta: Qual sua mais forte lembrança do Rio Tocantins?

R – As enchentes. Lembre-me como se fosse hoje. Houve uma enchente, foi a maior de todas em 1980. Choveu uns quarenta dias. Eu tive que sair da minha casa e passar uns dias na casa de amigos, não só eu mais a maioria que morava aqui na beira rio. Perdemos muitas coisas, quase tudo, falando a verdade. Muitos foram passar uns dias em colégios ou na casa de parentes e amigos. A água foi até, se não me foge da memória, até o hospital são Lucas. Ali onde eram o consultório do Dr. Murilo. Muitos pais de família tristes porque tinham perdido tudo, ou quase tudo. Era uma tristeza só.



Figura 11: A maior enchente do rio Tocantins foi em 1980. Fonte: página do facebook: Roberlan cokim. Disponível em: https://www.facebook.com/cokimroberlan/media_set?Set=a. acesso em: 23 de jun 2017

O segundo entrevistado foi o senhor Sr. Francisco de Assis Marinho (vulgo. DEA) que era comerciante.

Pergunta: Para você, o que representa o Rio?

O rio Tocantins está acabando e isso é muito triste, porque o rio por muitos anos o único meio de se entrar em Boa Vista, hoje Tocantinópolis, era pelo rio Tocantins, através unicamente da navegação fluvial, barco, canoa. Isso porque não havia ainda estrada. Lembre-me bem que papai quando ia comprar mercadoria para o comércio, ia pelo rio. Passava muitos dias navegando. Eram três dias pra ir e quatro pra voltar. Ele esperava o tempo da enchente para ir fazer as compras. O curioso é que o povo naquela época era muito cuidadoso - porque não dizer sábio? Vou lhe conta uma coisa que hoje quase ninguém sabe, e outros talvez nem lembrem mais. Na ilha da Santa bem na cabeça da ilha tem uma pedra muito grande que parece que foi Deus que colocou ela ali, os navegantes usa essa pedra como orientação. Eles chamavam a pedra da baliza. Hoje ninguém importa com essas coisas não. Por que pedra da baliza? Por que quando o rio enchia cobria a pedra os barqueiros aproveitavam para descer

para Belém, vender e também, comprar alimentos, remédios, tudo que precisavam. Por que eles aproveitam a enchente para descer? Porque todas as cachoeiras estavam lisas não corriam o risco de virar suas embarcações, o tráfego maior era no tempo de chuva de dezembro e janeiro, o povo aproveitava.

Pergunta: Então o rio era o meio de comercialização?

R – Sim. Para todos os comerciantes a estrada para Belém era o Rio Tocantins. Saíam daqui de barco, para Belém fazer compras e também vender suas mercadorias que era produzida em Boa Vista. Tocantinópolis produzia arroz, algodão, babaçu, menos gado por que o gado que tinha era apenas para o consumo mesmo, ninguém exportava. Aqui mesmo em Tocantinópolis o forte era o babaçu. Como naquela época Belém era a cidade onde era maior o tráfego de gente. Todos os comerciantes levavam suas mercadorias produzidas pelos agricultores da região e traziam de Belém do Pará: sal, querosene, fumo, soda essas coisas. O mais interessante era que vendiam o coco e compravam o azeite do coco. Vendiam as principais riquezas da região Tocantina e com o dinheiro os comerciantes importavam as mercadorias para atender as necessidades da população. O rio só deixou de ser a principal via, depois que foi inaugurada a rodovia Belém Brasília, em 1960, na época que Juscelino Kubitschek era o Presidente da República. Me lembro como se fosse hoje, JK passou encima da ponte em um jipe pequeno, por que ele era dinâmico mesmo. Os operários colocaram até umas tabuas por que não tinha concluído direito a ponte mais ele deixou inaugurado.

Sobre o rio também ouvimos o senhor Paulo Gomes da Silva, um lavrador.

Pergunta: Quando você chegou a Boa Vista como era o Rio Tocantins?

R – Quando cheguei aqui o único meio de transporte era fluvial, se alguém viesse para Tocantinópolis só conseguia chegar à cidade pelo rio em barco ou canoa. Lembro quando cheguei só tinha casa até no cemitério. Para trás era só mata onde o povo caçava. Eu trabalhei como barqueiro por muitos anos transportando gasolina e querosene, dia e noite. Carregava também para Miracema, Carolina aqueles enormes Barris de gasolina para abastecer avião. Trabalhava para o Sr. Darcy Marinho. Transporteí muito algodão. Levava o algodão e trazia o tecido. Naquele tempo parece que as coisas eram mais seguras, simples, porém seguras. Trabalhei muitos anos como barqueiro e não vi nenhuma acidente acontecer.



Figura 12. Rio Tocantins praia da santa hoje 2017. Fonte: Dirceu Leno.

4.2.2. O Mercado Municipal (Mercadão).

Entrevista com o senhor José de Ribamar Soares, um lavrador.

Pergunta: Sabemos que Mercado Municipal é um dos mais importantes patrimônios de nossa cidade. Você conhece a história do mercadão? qual a data de sua fundação?

R - O Mercado foi construído 1940 por Francisco da Silva Queiroz. Ele ainda não era o Prefeito e sim um interventor, pois no Brasil não existiam eleições. Foi no tempo da revolução. A primeira eleição aconteceu em 1950 e Francisco Queiroz foi o primeiro Prefeito eleito. Mas foi em 1940 que ele fez o mercado. Foi quinze anos prefeito nomeado. O José Saboia quando foi prefeito fez uma reforma nele e ficou bem organizado, porque o prédio estava muito feio. Ele deixou o mercado bem bonito. Colocou cerâmica nos açougues e balcão para colocar a carne. Não lembro bem em que ano exato. Sei que em 1965 ele se tornou prefeito até 1970. E depois em 83 de novo.

Pergunta: Como era seu funcionamento do Mercadão

R – O Mercado era um ponto de referência em toda região. Eu mesmo vendi muita farinha nele. Ele funcionavam todos os dias. Lá vendiam farinha, carne, peixe, mandioca, cereais e tudo. Tinha umas tabernas onde colocavam as coisas para vender. Era tudo bem organizado. Eu não tinha venda no mercado, apenas vendia aos domingos para os comerciantes que tinham seu ponto de venda. Todo Domingo o povo que morava no sertão ficava na porta do mercado para vender suas mercadorias. Quando estávamos cansados, querendo ir embora para o sertão e ainda tinha mercadoria para vender, eles então vendiam o

resto de suas mercadorias para os comerciantes, e aí iam embora. No mercado tinha até casamento havia um cartório e muita gente das cidades vizinhas vinham casar no mercado. Casamento no civil.

Pergunta: Quando e porque fechou o mercado municipal?

R – O Mercado fechou no mandato do prefeito Antenor Queiroz em 2008 que foi destituído do título de mercado municipal transformando em um ponto cultural que não deu certo. Já em outra gestão que foi o prefeito Fabion logo transformou em um Centro de Inclusão Digital. Quase não havia comerciantes no mercado e também ele já não era mais tão frequentado como antes, porque muitos vendedores que vendiam no mercado estavam vendendo na feira aos domingos. Acho que foi por isso que o Antenor acabou logo com ele, antes de transformar em um centro cultural, ele colocou um curso para as mulheres fazer artesanato.

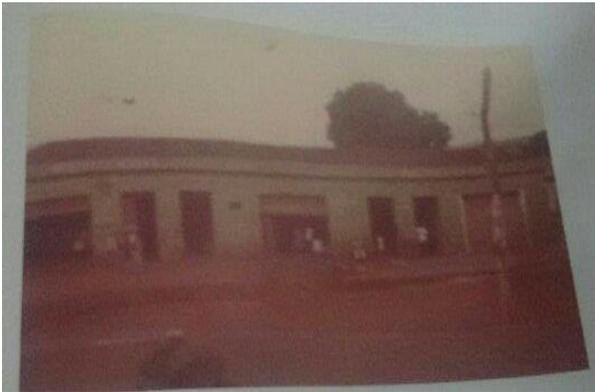


Figura 13. Mercado Municipal de Tocantinópolis.
Fonte: monografia de Sara da Costa e Silva. P.35.



Figura 14. Centro de Inclusão Digital. Atual
Fonte: Simone Rodrigues

4.2.3. Feira Municipal:

Sobre a feira nosso entrevistado foi o senhor José de Ribamar Soares, um lavrador.

Pergunta: Em que gestão foi construída a Feira Municipal?

R - Quem iniciou a construção da Feira foi o Prefeito José Saboia. Foi criada por ele, atrás da Igreja a Catedral, isso no período de 1967 a 1970. Depois do Saboia quem entrou foi o José de Ribamar Gomes Marinho que mudou de lugar, instalando, onde está até hoje. Mas

ela só ficou realmente igual é hoje quando Erivaldo Gomes se tornou prefeito, em 1993. Ele mandou cobrir a Feira a reestruturou e até hoje ela está do jeito que ele fez¹¹.

Pergunta: Como funcionava a feira?

R - A feira sempre funcionou aos Domingos até meio dia. Ela foi criada para que o pequeno agricultor possa vender suas mercadorias, hoje à feira é bem diferente, de antes.



Figura 15 e 16. Feira Municipal fica entre a Rua Esmeralda e a Rua Estrela. Fonte: Dirceu Leno.

4.2.4 Hotel da Katia (Dakatia Hotel)

O hotel mais antigo de Tocantinópolis é o Hotel Presidente que durante anos foi muito famoso. Era o hotel cinco estrelas de Tocantinópolis, criado por volta de 1950. Porém as mudanças de proprietários fez com que caísse em seu conceito e acabou por ficar um bom período desativado. Hoje ainda está em atividade no mesmo lugar de sempre, mas com várias modificações.

Enquanto isso o Hotel da Kátia, o segundo mais antigo foi ganhando *status* e conquistando a clientela. Hoje é o hotel cinco estrelas da cidade. Tem um aspecto muito acolhedor e oferece aos hóspedes uma boa sensação visto que é um pequeno bosque no centro da cidade. Para falar sobre este hotel, a entrevistada foi a proprietária, Dona Enecilda Soares Moura.

Pergunta: Quando foi fundado o Hotel da Kátia?

R – Eu arrendei o espaço em 1978 dos padres. Na época o pároco era o padre Juliano Moreth, que era meu amigo e eu pedi a preferência, se um dia eles quisessem vender o

¹¹ É importante destacar que no ano de 2017 a Feira passou por modificações no governo de Paulo Gomes de Sousa. Durante a reforma a feira passou a acontecer na Feira Livre da Vila Padre Césari no Bairro Alto Bonito.

terreno. Aí quando Dom Cornélio (o Bispo) morreu a Igreja vendeu-me. Esse espaço aqui era todo dele. Era uma doação que foi feita à Igreja. Então eu tenho esse tanto de ano aqui. Quando eu comprei não era assim era só uma casa pequena era a casa que seu Permínio fez e o restante era mato. Aqui tinha uma cerca de estaca porque era uma estrada para o aeroporto; ali onde hoje é a prefeitura, bem no poste, tinha uma cerca que no sertão o povo fazia para não passar animal para o aeroporto. Então isso tudo era mato. Para comprar eu tive que vender uma casa que eu tinha lá embaixo. Na época foi Trezentos mil. Não lembro que moeda era. Aqui já era hotel e já estava alugado pelo senhor Gonzaga. Tudo era mato era só um capinzão, mas tudo que tem hoje foi eu que mandei construir.

Pergunta: Você tem fotos do início do Hotel?

R – Não tenho. Teve uma moça que morou comigo que tirou uma foto e eu queria uma foto da parte antiga, que as portas eram tudo de madeira, eu não sei quem tem aqui. Naquele tempo era difícil às pessoas tirar fotos ai hoje quase ninguém tem fotos das coisas daquele tempo.

Pergunta: Quem foi o primeiro proprietário ou sempre foi seu?

R – Antes tinha um moço aqui, mas aí eu fui e arrendei dele. O Hotel, essa casa aqui pertencia a Diocese e esta outra casa era do seu Permínio Vanderlei. Diz o povo que a casa de seu Permínio foi a primeira construção feita em Tocantinópolis. Foi essa aqui. Tem umas paredes antigas que eu nunca tirei por que é aquelas paredes de adobe aquele adobão. As escapes das redes era um pedaço de pau não tinha cimento e nem nada. Então seu Permínio foi o primeiro comerciante em Tocantinópolis. Fez essa casa e eu me lembro de quando ele morava aqui. Aqui na frente tinha uns pés de mangas, os gados faziam cocô debaixo. Gado andava aqui na rua. Ai seu Permínio foi para Brasília e passou muitos anos. Quando eu comecei aqui a Kátia (minha filha) tinha cinco anos de idade. Tem trinta e nove anos que eu arrendei isso aqui.



Figura 17: Hotel da Kátia. Fonte: Simone Rodrigues.

4.2.5 – Tobasa Bioindustrial:

A empresa Tobasa pertence à família Baruque. Em 1986, um dos filhos, o senhor Edmond Baruque, engenheiro civil, assume, com a colaboração dos irmãos, a diretoria industrial da Tobasa. Hoje é o diretor-presidente. Sobre esta indústria não houve disponibilidade de ninguém para a entrevista, porém, considera-se importante trazer aqui algumas informações que nós foram oferecidas pelos gerente e que são de domínio público no site da empresa.

A Tobasa foi fundada em 1968 e inaugurada em 1970 pelo visionário Edmond Baruque com o propósito inicial de processar as amêndoas originadas do coco babaçu, que constituem apenas 6% do seu peso, para a produção de óleo e de torta de babaçu. No início não havia tecnologia disponível para viabilizar o aproveitamento integral do coco, cuja perda era de 94% do restante do coco. Então houve uma busca incansável, por parte do presidente a fim de desenvolver tecnologias inovadoras que pudessem viabilizar economicamente o aproveitamento integral do fruto. Esse legado de entusiasmo e idealismo foi transmitido a um de seus quatro filhos, o então jovem e recém-formado engenheiro químico Edmond Baruque filho, que determinado e com visão empresarial deu continuidade e impulsionou o projeto pioneiro iniciado por seu pai.

A partir de então, pai e filho passaram a dedicar-se ao desenvolvimento de tecnologias próprias para o processamento integral do coco de babaçu, que tornasse viável a industrialização da riqueza remanescente do coco para a geração de novos produtos comerciais. Até que implantaram a inventiva máquina de corta coco, a destilaria pioneira de álcool de babaçu e os inovadores fornos de carboativação.

Em 1968 fundação da Tobasa-Tocantins óleo de babaçu, por Edmond Baruque, em 1970 foi à inauguração com a presença dos governadores de Goiás e Pará, Senadores, Deputados e do superintendente da SUDAM. Em 1973 aconteceu a visita do presidente da República, general Ernesto Geisel, ao estande da exposição da Tobasa na feira da Amazônia. 1974 foi a aprovação do projeto de “Aproveitamento Integral do Coco de Babaçu” pela SUDAM, alterando a razão social da Tobasa-Tocantins Babaçu S/A. Em 1975 é homenageado, pela câmara de vereadores, com o título de cidadão honorífico de Tocantinópolis.

A indústria Tobasa tem grande importância para a história de Tocantinópolis, não só por ser um empresa que emprega centenas de pessoas, mas porque já faz parte de sua história; já é um dos cenários que compõem a memória da população com mais de cinquenta anos; já demarca um lugar na paisagem da cidade.



Figura 18. Fundação da Tobasa-Tocantins ano 1968.

Fonte: <https://www.tobasa.com.br/empresa>. Acesso em: 20 de jul. 2017.



Figura 19. Inauguração da Tobasa em 1970 com Presença dos governadores de Goiás e Pará, Senadores, Deputados, e do superintendente da SUDAM.

Fonte <https://www.tobasa.com.br/empresa>. Acesso em: 20 de jul. 2017



Figura 20. Entrada do prédio da empresa Tobasa Bioindustrial em Tocantinópolis.
Fonte: Simone Rodrigues.

Podemos perceber ao entrevistar alguns dos antigos moradores da cidade, que existe sentimento de amor, saudade, e tristezas por alguns lugares que existirem na cidade e que cada um tinha um vínculo alguns funcionários, outros filhos, proprietários, outros simplesmente frequentaram, mas também havia em seu olhar a satisfação em perceber que sua história, pode ficar registrada e pode se tornar uma herança para nova geração.

Alguns dos entrevistados se empolgavam quando perguntávamos sobre a história de algum lugar. História essa que existem apenas na suas memórias, mas quando falávamos que íamos escrever ele ficavam feliz por deixa registrado sua historias para que a geração mais nova possa conhecer o passado da cidade e de seus ente queridos. Alguns vagueavam em seus pensamentos saindo fora do assunto que perguntávamos alguns pela idade ou pela memória não estar funcionando tão bem, por isso tivemos algumas dificuldades em escrever a história de alguns lugares como por exemplo: a kaverna, o hotel presidente foram lugares que fizeram parte da história do passo de Tocantinópolis.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O objetivo deste trabalho foi de conhecer a história do desenvolvimento urbano de Tocantinópolis através de imagens da memória de seus antigos moradores, e através de suas histórias oral possamos conhecer alguns lugares que foram importante para o crescimento urbano e econômico da cidade. E com isso possamos compreender a importância da história oral e a memória do indivíduo.

Ao longo deste trabalho procuramos descrever a relação que os moradores estabeleceram com a cidade e suas vivências com os demais moradores e lugares, e compreender qual a relação dos moradores tem com alguns lugares. Portanto importância de conhecer a história pessoal de alguns moradores nos possibilita a entender a construção da identidade de moradores e conhecer como eles mantem vivos seus valores e seus princípios que são pouco levado em conta o que foi vivido, construído, direto ou indiretamente, com lugares e pessoas, esses lugares muitas pessoas cresceram vendo seus pais frequentado, outros ganhavam uma renda para seu sustento, e alguns eram sócios e tinha esses lugares como um investimento para sua socialização, onde comemoravam aniversários, festas folclóricas e etc.

Pude perceber, através das entrevistas realizadas, que a partir das experiências adquirida pelos moradores, em que foi feita o uso da história oral para conhecer a história de alguns lugares, houve uma melhor compreensão das relações de cada morador com alguns lugares, que foram realizadas diversas atividades e foram primordial para construção da identidade da cidade assim como das pessoas que vive nela.

Assim através das histórias contadas pelos antigos moradores, a nova geração vai poder conhecer toda trajetória da cidade e que teve alguns lugares de suma importância para o desenvolvimento cultural e econômico, o que foi responsável pelo desenvolvimento urbano de Tocantinópolis. No campo da Educação nota-se também grande desenvolvimento, uma vez que tem ótimas escolas públicas e universidade pública, que acolhe vários grupos de pessoas que não são filhos de Tocantinópolis e vêm em busca de saber.

A partir da memória podemos compreender as mudanças que houve em relação aos lugares, que um dia teve como por exemplo: as boates, cinemas, danceterias que seria de suma importância para os jovens de hoje, com a desativação desses lugares alguns moradores

se dizem triste por que eram locais saudáveis onde podiam se divertir sem medo de violência e que hoje já não participa de festividades, esses lugares foram desativados no espaço físico, mas continuam vivos na memória de cada morador antigo dessa cidade, tantos dos proprietários e funcionários, como dos frequentadores que relembram com saudades de cada lugar.

Neste trabalho também foi feito um breve histórico da cidade de Tocantinópolis visto que era fundamental para conhecer o início da área urbana. E com isso foi possível construir a história do desenvolvimento urbano da cidade a partir de lugares, através de livros de alguns autores regionais e o principal, através dos entrevistados que são moradores da cidade. E a partir dessas entrevistas foi possível compreender como funcionavam e qual a importância dos lugares para os moradores.

Embora não conseguindo acesso a todos os documentos e imagens que gostaríamos, como também conversar com pessoas que sabíamos serem detentoras de muito conhecimento sobre a história da cidade, consideramos que os objetivos propostos foram alcançados. No tocante ao desenvolvimento urbano conseguimos apresentar dados que o caracteriza, e através da oralidade conhecemos a história dos lugares, como se iniciaram e porque foram desativados, além de perceber a sua importância para os antigos moradores.

Portanto a história oral foi o principal instrumento utilizado para conhecer a memória das pessoas entrevistadas, e podemos perceber a alegria em falar de algo que teve grande importância em seu passado e que a nova geração não tem conhecimento como se deu o desenvolvimento do lugar em que viver, mas ao construirmos esse trabalho com o objetivo de manter viva a história da cidade e de seus lugares.

Assim consideramos que esse trabalho é importante como registro da história da cidade para a nova geração, podemos também conhecer e a importância da memória e da história oral, que foi um dos elementos principais para construção desse trabalho. Foi através das lembranças dos moradores que conhecemos a história de alguns lugares e as imagens que ficaram na memória.

6. REFERÊNCIAS.

- BANDEIRA, Aldenor Alves. **Bonifácio na História de Tocantinópolis**. Imperatriz (MA): Ética, 2003.
- ARAÚJO, Nataniel da Vera Cruz Gonçalves. **A expansão da Educação Superior a Distância no Tocantins no âmbito da parceria entre a EADCON e a UNITINS**. Tese de Doutorado (UFRN), Natal (RN), 2017.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 488 p. 16 x 23 cm.
- CORREIA, Aldenora Alves. **Boa Vista do Padre João**. Tocantinópolis (GO): 1977.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntico, 2006.
- PEREIRA, Waldemar Gomes. **Meu Pé de Tarumã Florido, Um Retrato de Porto Franco**. Imperatriz, MA: Ética, 1997.
- PEREIRA, Waldemar Gomes. **Retalhos da Alma**. Imperatriz, MA, Ética: 2001. HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- LOCATELLI, Arinalda Silva, et all (Orgs). **O Curso de Pedagogia no norte do Tocantins: História, Memória, e Reflexões**. Goiânia (GO): PUC de Goiás, 2011.
- LOPES, Francisca Rodrigues. **Representações da Infância no Cinema**. Tese de Doutorado, PUC, SP, 2012.
- MARQUES, Jéssica Jully Braveres. **Leitura de Imagem como Prática Pedagógica. Uma possibilidade de inserção das obras de Elenilson Araújo Rocha em sala de aula**. Monografia de Graduação, UFMA. São Bernardo (MA), 2016. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/953/1/JessycaJullyBraveresMarques.pdf> > Acesso em: 16 de Nov. 2015.
- PAIVA, Eduardo França. **História e Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista estudo histórico, n.10, p. 204, 1992. Disponível em >https://scholar.google.com.br/scholar?rlz=1C1HLDY_pt-BRBR783BR783&um=1&ie=UTF-8&lr&q=related:pB9gwUHdOmm-aM:scholar.google.com/. acesso em: 26 de fev. 2018
- PEREIRA, Clenan Renault de Melo. **De Boa Vista a Tocantinópolis**. Palmas (TO): Palmas, 2012.
- SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. In: **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo (SP): Contexto, 2006. Disponível EM: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/39.pdf>> acesso em: 06 de Abr. 2016
- SILVA, Sara da Costa e. **O Mercado Municipal de Tocantinópolis-TO: uma história que permanece à memória**. Monografia de Graduação, UFT, Tocantinópolis, 2013.
- SOUSA, Carlos Antônio de Oliveira (org.) **Tocantinópolis: 150 anos de urbanização**. Goiânia (GO): kelps, 2008.

SOUSA, Carlos Antônio de Oliveira. **Repensando o Turismo em Tocantinópolis: Críticas e Possíveis Viabilidades**. Goiânia: kelps (GO), 2007.

Sites consultados:

<https://www.google.com.br/search?q=fotos+do+campus+da+uft+de+tocantinopolis&tbm=>
acesso em: 17 de Ago. 2017.

Disponível no site: <http://www.tobasa.com.br/empresa> acesso em: 20 de Jul. 2017

Site: pagina do facebook: Roberlan cokim. Disponível em:

https://www.facebook.com/cokimroberlan/media_set?Set=a. acesso em: 23 de Jun. 2017